

PUCRS

ESCOLA DE NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO
MESTRADO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO

JOYCI DOS SANTOS PEREIRA

**ECONOMIA CRIATIVA: OS EFEITOS NO MERCADO DE TRABALHO SOB A ÓTICA DA
INDÚSTRIA CRIATIVA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2011-2020)**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Joyci dos Santos Pereira

**“ECONOMIA CRIATIVA: OS EFEITOS NO MERCADO DE TRABALHO SOB A
ÓTICA DA INDÚSTRIA CRIATIVA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
(2011-2020)”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia, pelo Mestrado em Economia do Desenvolvimento da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 29 de março de 2022, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Claudio Hoffmann Sampaio
Orientador e presidente da Sessão

Prof. Dr. Osmar Tomaz de Souza
Coorientador

Prof. Dr. Adelar Fochezatto

Prof.^a Dr.^a Laura Desiree Vernier Fujita

Ficha Catalográfica

P436e Pereira, Joyci dos Santos

Economia Criativa : Os efeitos no mercado de trabalho sob a ótica da indústria criativa no estado do Rio Grande do Sul (2011-2020) / Joyci dos Santos Pereira. – 2022.

84.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia do Desenvolvimento, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Hoffmann Sampaio.

Coorientador: Prof. Dr. Osmar Tomaz de Souza.

1. Economia Criativa. 2. Indústrias Criativas. 3. COREDEs. I. Sampaio, Cláudio Hoffmann. II. Souza, Osmar Tomaz de. III. . . IV. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Loiva Duarte Novak CRB-10/2079

Dedico aos meus pais, Anildo e Ana.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho só foi possível devido a uma rede de apoio enorme, com amores incondicionais, e pessoas muito especiais. O primeiro a ser lembrado, em todos os momentos, a Ele quem me deu a oportunidade de viver um grande sonho. Essa experiência não foi só acadêmica, foi transformadora em todos os aspectos, me tornou uma pessoa, profissional, pesquisadora, muito melhor.

Agradeço imensamente meus pais, por apoiarem as minhas decisões mesmo quando para eles é difícil. Aos meus irmãos, Daniel e Débora, meu muito obrigado, só por existirem, me dão motivos para sempre olhar para frente. E a minha cunhada, que foi ouvido e abraços, sou muito grata pela sua vida, Isabela.

Ao meu amor, Maro, que esteve comigo mesmo quando não precisava estar. Obrigada pela sua presença diária, por cuidar tão bem de mim.

Aos meus grandes amigos e colegas de profissão, Gabriela, Mônica, Henrique, Juliane. Obrigada por todo suporte ao longo desse período. Estendo meus agradecimentos a meus colegas de mestrado Joici e Cássio, pessoas mais que especiais, eu acredito tanto em vocês, quanto acreditaram em mim. Também a minha querida amiga do doutorado, Patrícia, você é um ser de luz, que iluminou minha mente para muitas questões desse momento da vida.

A minha família, Pereira, Padilha e Hatler. o amor de vocês é um porto seguro. Minha madrinha, minhas tias, e meus tios, obrigada por tudo!. Deixo aqui todo meu amor e gratidão as minhas primas e primos, que trouxeram muitas risadas nesse momento desafiador.

Agradeço minhas grandes amigas, Joziane e Ana Carolina, e aos meus afilhados, Aurora e Pedro. Fui ausente nesse período tão importante, mas meu amor por vocês é incondicional.

A todos, que indiretamente, contribuíram de maneira positiva ao meu crescimento. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Cláudio Hoffmann Sampaio, a quem pude contar durante todo o mestrado, e sempre esteve disposto a me ouvir e pacientemente, ensinar. E, ao meu co orientador, Prof. Dr. Osmar Tomaz, que me entrevistou, e viu um potencial em minha carreira acadêmica.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo entender os efeitos que a economia criativa gerou no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul. A priori, é importante compreender de fato do que se trata a economia criativa, o que a diferencia de outros segmentos que fomentam as políticas públicas. Na maneira que ao analisar e contextualizar a economia criativa dentro do estado do Rio Grande do Sul, é necessário compreender e observar a maneira como é apresentada no plano da secretaria de economia criativa no Brasil e os potenciais modelos que podem ser aplicados. Para a divisão correta deste trabalho, delimitou-se a pesquisa entre os Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul (COREDES), separando pelas maiores participações em postos de trabalhos, e empreendimentos criativos que os representam. Ao longo do estudo é feito uma revisão bibliográfica de literatura, compreendendo a economia criativa desde que surgiu como ângulo em reuniões nacionais e internacionais. Utilizam-se diversas bases de dados para a coleta de informações capazes de responder e contribuir ao tema o qual este trabalho se propõe. É observado ao final, a importância de um desenvolvimento econômico como um todo, e um uso da criatividade como balizadora de desenvolvimento.

Palavras-chaves: Economia criativa. Indústrias criativas. COREDES.

ABSTRACT

This study aims to understand the effects that the creative economy has generated on the labor market. A priori, it is important to really understand what the creative economy is about, which differentiates it from other segments that promote public policies. In the way of analyzing and contextualizing the creative economy within the state of Rio Grande do Sul, it is necessary to understand and observe the way it is presented in the plan of the creative economy secretariat in Brazil and the potential models that can be applied. For the correct division of this work, the research was limited among the Regional Development Councils of the State of Rio Grande do Sul (COREDES), parting by the greater participation in jobs, and creative enterprises that represent it. Throughout the study, a literature review is made, understanding the creative economy since it emerged as the core in national and international meetings. Several databases are used to collect information capable of responding and contributing to the theme that this work proposes. It is observed in the end, the importance of an economic development as a whole, and a use of creativity as a beacon of development.

Keywords: Creative economy. Creative industry. COREDES.

Lista de Figuras

Figura 1 - A Economia Criativa e a dinâmica de funcionamento dos seus elos.	41
Figura 2 - Termos de Emprego e Desemprego (2022)	51
Figura 3- Indicadores estruturais do mercado de trabalho População em idade de trabalho 2012-2020 (1.000 pessoas)	52
Figura 4 - Mapa de Participação Média de Empregos Criativos COREDES (2011-2020)	59
Figura 5 - COREDEs com maior participação criativa (2020).....	60
Figura 6 - COREDEs e cidades (2020).....	61
Figura 7 - Evolução dos postos de trabalhos criativos por COREDES 2011-2020	62
Figura 8 - Evolução dos postos de trabalhos criativos por COREDES 2011-2020	63
Figura 9 - Número de estabelecimentos criativos COREDEs (2011-2020).....	65
Figura 10 - Número de estabelecimentos criativos COREDEs (2011 - 2020).....	65
Figura 11 - Setores com maior número de estabelecimento criativos nos COREDEs selecionados (2011-2020).....	67
Figura 12 - Setores com maior número de estabelecimento criativos nos COREDEs selecionados (2011-2020).....	67

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Conceito sobre Economia Criativa (Visão internacional)	21
Tabela 2 - Definição de Indústria Criativa (Principais autores)	30
Tabela 3 - Grandes grupos e subgrupos nos setores de Economia Criativa de acordo com a UNCTAD (2010).	32
Tabela 4 - Escopo dos Setores criativos na classificação do Ministério da Cultura (2011)	42
Tabela 5 - Empresas nos Setores Criativos (2010)	Erro! Indicador não definido.
Tabela 6 - Áreas e Segmentos criativos	56
Tabela 7 - Participação dos Empregos Criativos no Rio Grande do Sul (2011 - 2020)	58
Tabela 8 - Média de Empregos Criativos COREDES (2011 - 2020).....	62

Lista de Siglas

CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
COREDES	Conselho Regional de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul
DCMS	Department of Culture, Media and Sports
DEE	Departamento de Economia e Estatística
FIRJAN	Federação das Indústrias do Rio de Janeiro
IPEA	Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MINC	Ministério da Cultura
PEC	Plano de Economia Criativa
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEC	Secretaria da Economia Criativa
SPGG	Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 ECONOMIA CRIATIVA	19
2.1.1 Economia Criativa de acordo com o Departamento de Cultura, Meios de Comunicação e Esportes do Reino Unido	21
2.1.2 Economia Criativa de acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD	22
2.1.3 Economia Criativa de acordo com a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO	24
2.1.4 Economia criativa de acordo com a Organização Mundial da Propriedade Intelectual	26
2.2 INDÚSTRIA CRIATIVA	27
2.2.1 Indústria Criativa de acordo com a Conferência Das Nações Unidas Para Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD	31
2.2.2 Indústria Criativa de acordo com o departamento de cultura, meios de comunicação e esportes do reino unido	34
2.2.3 Indústria criativa de acordo com a unesco	35
2.2.4 Indústria Criativa de acordo com a Organização Mundial Da Propriedade Intelectual - OMPI.....	36
3 ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL E OS IMPACTOS GERADOS NO MERCADO DE TRABALHO..	37
3.1 Economia Criativa No Brasil	37
3.2 Estudo de caso da Economia Criativa aplicada no Brasil	Erro! Indicador não definido.
4 METODOLOGIA.....	46
4.1 Classificação	47
4.2 Base de dados	48
4.3 Coleta e análise de dados.....	49
5 MERCADO DE TRABALHO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	50
5.1 Panorama do mercado de trabalho dos setores criativos do Rio Grande do Sul	54
5.2 Mapa dos setores criativos no mercado de trabalho no Estado do Rio Grande do Sul sob ótica da indústria criativa.....	57
5.3 Análise de Resultados	71
6 CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

A economia criativa vem ganhando espaço como um campo que se destaca e possibilita a fomentação de políticas públicas inovadoras para o desenvolvimento econômico e social, através de atividades passíveis de serem industrializadas.

O relatório publicado pela *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD) em 2010, encorpa um material essencial para a compreensão do tema nos estudos que se dedicam a entender a economia criativa. Assim como a publicação da UNCTAD, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2013, economia criativa discute e relaciona os conceitos de cultura, direitos humanos e políticas culturais no quadro de desenvolvimento, descrevendo e relacionando a economia criativa com as novas formas de produção pós-industrial. Ainda de acordo com o IPEA, as economias pós-industriais são crescentemente caracterizadas pela participação da economia criativa em seus processos de desenvolvimento (2019, p.9). De forma que o desenvolvimento é o conjunto de transformações socioeconômicas, políticas e culturais que possibilitam o bem-estar social, a sua expressão em diferentes modos de vida e formas participativas de organização política.

Em 2002 a academia de fato se debruça sobre o termo, com o evento realizado em Brisbane, na Austrália, intitulado *New Economy Creativity and Consumption Symposium* (MIGUEZ, 2007), o encontro envolveu diversas organizações que buscavam acrescentar ao assunto e levá-lo a ascensão. Ademais, as pesquisas foram aprofundadas quando o *Department of Culture, Media and Sports* (DCMS) — equivalente ao Ministério da Cultura de acordo com a Secretaria de Planejamento de Gestão e Governança (SPGG), lançou o *mapping document* em 1998.

Valiati, Miguez, Cauzzi e Silva (2017, p.11) reforçam em seus estudos que as mudanças na maneira de organização de produção propiciaram para o desenvolvimento de uma economia baseada na criatividade e no conhecimento.

Ao longo do estudo, é observado que há diversas perspectivas sobre a maneira no qual a economia criativa se organiza, mas em todos há uma

similaridade, que trata-se do capital intelectual capaz de prover criatividade e ideias que geram retornos financeiros.

Na busca em abordar um tema em ascensão, no ano de 2011, foi criado no Brasil a Secretaria da Economia Criativa (SEC), como uma agência do Ministério da Cultura (MinC), cujo objetivo foi de coordenar esforços de pesquisa e implementação de políticas públicas em torno do conceito de economia criativa. Considerando a particularidade das regiões, dos países em desenvolvimento, e quão comum é que em cada ambiente funcione com uma base diferente das atividades que integram a economia criativa.

O relatório da UNCTAD (2010, 134), reforça a particularidade dos países, portanto, cada lugar deve ser capaz de identificar as indústrias-chaves que são exploradas, ou que teria potencial maior de aproveitamento dos seus recursos.

A presente dissertação exhibe um panorama da Economia Criativa no Estado do Rio Grande do Sul, assim que o tema emerge como discussão no país, com a criação da Secretaria da Economia Criativa. E prolonga-se até o ano de 2020, cujo período foi marcado pelas consequências da pandemia da COVID-19, como isolamento social, modelo home office de estudo e trabalho. Os relatórios publicados ao longo do período estudado retratam as oportunidades e dificuldades identificadas no Brasil, e nas suas regiões.

É, então, estudado a aplicação da economia criativa, possibilitando compreender sua evolução no Estado do Rio Grande do Sul, e, também, o desenvolvimento dos setores denominados como criativos.

É essencial que ocorra uma avaliação do Planejamento Estratégico do Rio Grande do Sul, uma vez que tratam-se documentos de diagnóstico, prognóstico e ações a serem implementadas, considerando aspectos econômicos, sociais, culturais, entre outros (2015, p.11).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O trabalho visa contribuir aos conteúdos acadêmicos já apresentados, e ampliar o conhecimento - e os efeitos - da economia criativa na indústria. Apresentando referencialmente através de dados os reflexos que têm gerado na força de trabalho e empresas voltadas a serviços criativos.

O argumento da pesquisadora Wyszomirski (2004 *apud* Mapeamento da Indústria Criativa 2012, p.14), segue na crença que o desenvolvimento dos setores criativos desempenham papel-chave no progresso urbano e regional. Sendo assim, de acordo com a autora, há uma relação entre a economia e a indústria criativa que refletem no desenvolvimento de uma economia regional, procedendo assim, resultados positivos.

A economia criativa, conforme Procopiuck e Freder (2013, p. 4) no campo de práticas, formalização e implementação de políticas públicas não se têm um único referencial a ser utilizado com capacidade de obtenção de resultados, devido a convergência entre políticas, líderes, sociedades e empreendedores. Os autores Serra e Fernandez (2014, p.3) reforçam que no Brasil, há um esforço para realizar a mensuração das atividades econômicas criativas e sua importância, tanto em âmbito federal com a criação do Secretaria da Economia Criativa, quanto como estratégia de desenvolvimento à nível local.

Procedendo a aplicação de ideias criativas uma estratégia política para o desenvolvimento. O Plano Estratégico do Estado do Rio Grande do Sul amplia esse viés ao apresentar em seus relatórios como propostas para produzir os melhores resultados, mesmo com poucos recursos.

Nesse contexto, o trabalho que se segue tem a intenção de analisar o nível de emprego sob a ótica das indústrias criativas, pesquisando como se organiza os setores criativos no Estado do Rio grande do Sul, no período de 2011 a 2020. Isso será feito a partir da compreensão de sua abrangência, entendendo as alterações e classificações de setor criativo.

Ou seja, é necessário conhecer o que denomina os setores como criativos, quais são os setores criativos, e qual a representatividade deles na região que é estudada.

Considerando a inovação capaz de potencializar o desenvolvimento socioeconômico, tornou-se importante entender como o mercado de trabalho se ajustou nos últimos anos a esta nova forma de aplicação da criatividade.

A criatividade, como mencionada por Mirshawka (2019, p. 5) não é necessariamente uma atividade econômica, mas poderia se tornar caso seja aplicada ou produza uma ideia com implicações econômicas ou produto

comerciável. Dessa maneira o objetivo geral do estudo será entender como o setor criativo se organiza no Estado do Rio grande do Sul.

- a) Demonstrar a aplicação da Economia Criativa no Brasil através da SEC (2011).
- b) Identificar os efeitos gerados no nível de emprego nos COREDES do Rio grande do Sul – no período de 2011 - 2020.
- c) Descrever a evolução dos setores criativos no Rio grande do Sul de 2011 a 2020.

A pesquisa bibliográfica tem grande foco em investigação com base em material teórico sobre a economia criativa. E, este método aplicado será explicitado no capítulo 4 deste trabalho, de maneira a viabilizar o trabalho aqui proposto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ECONOMIA CRIATIVA

A área de conhecimento denominada economia criativa possui um conceito ainda indefinido pelas leituras e debates acadêmicos, apesar dos inúmeros trabalhos já realizados. Existem diferentes abordagens para o mesmo tema, e são essas abordagens capazes de direcionar o conceito de economia criativa e agregar aos estudos da área.

Conforme Guilherme (2018, p.22)

Como um conceito ainda em construção, a economia criativa tem sido objeto de reflexões acadêmicas que demonstram a impossibilidade de se adotar um significado unívoco e global posto que diversidades históricas, políticas e culturais, presentes nos diversos países, correspondem a variáveis fundamentais e necessárias para a definição de conceitos que se adequem a realidades múltiplas e díspares.

Contudo, ainda busca-se delimitar as formas como pode ser apresentada a estrutura de uma economia criativa. De acordo com Caiado (2011, p.16) “a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) trabalham com o conceito de indústria cultural, enquanto

a UNCTAD enfoca mais na economia criativa”. Porém, conforme o relatório não existe uma definição exclusiva de economia criativa (2010, p.9).

Complementando ao conceito que se busca implementar ao tema, a cada ambiente em que se designa, a autora Madeira (2014, p.23) afirma que:

Economia criativa é um conceito novo, ajustado ao delicado equilíbrio entre imperativos econômicos e o patrimônio de uma nação; capta as mudanças radicais advindas da revolução digital e dirige seu foco para outro modo de capitalização da criatividade e do conhecimento.

A autora complementa sobre a emergência em delimitar o conceito atribuindo as rápidas transformações da economia global, onde a criatividade, inovação e gerenciamento de riscos tornaram-se contundente para a competição econômica.

É importante que o estudo da economia criativa siga uma lógica controversa a era industrial aplicada nas economias atualmente, pois contrário à essa era, a economia criativa contrapõe à valorização do trabalho físico e reforça a valorização da propriedade intelectual do indivíduo. Madeira ainda reforça, que “entre as décadas de 1970 e 1980 marcam o fim da era de estabilidade do capitalismo quando percebe-se a necessidade de um novo paradigma de produção econômica” (2014, p. 38).

A era pós-fordista, sem dúvidas, transformou os meios de produção e consequentemente a isto trouxe novas tecnologias, dentre todas, o incremento da Tecnologia de Informação e Comunicação, que conforme o autor Mirshawka (2019, p. 8) impactou em praticamente todos os setores da economia e nas funções das pessoas e organizações. De forma que a economia criativa não seria um meio de substituir ou anular o mercado de trabalho, mas sim de transformá-lo (IPEA, 2013, p.8).

Fleming¹ (2018) afirma que há sete pilares da economia criativa, sendo essas: i) pessoas; ii) espaços de criatividade; iii) propriedade intelectual; iv) infraestrutura digital; v) retrato; vi) dinheiro, e por fim, vii) alavancagem.

Esses pilares, atuando em conjunto, tornam-se um empreendimento considerado então criativo, forte para manter-se atuante ao mercado. O autor

¹ Economista referenciado no assunto de Economia Criativa, apresentou os 7 pilares da economia criativa em uma transmissão no Fórum Cultura e Economia Criativa de São Paulo. Elaborado por João Pedro Carneiro, EXAME, 2018. Disponível em <<https://exame.com/economia/os-7-tijolos-da-economia-criativa-segundo-tom-fleming/>> Acesso em: 18.02.2022

ainda reforça que “a economia criativa não é algo que você pode replicar baseado no que outros países fizeram”. Abaixo, um quadro síntese com as principais abordagens utilizadas para exemplificar a Economia criativa:

Tabela 1 - Conceito sobre Economia Criativa (Visão internacional)

Fonte	Conceito
Departamento de Cultura, Meios de comunicação e Esportes do Reino Unido (DCMS)	Como foco de economia criativa estão as indústrias criativas cujo tem a origem na criatividade, habilidade e talento individual, com potencial para gerar empregos.
Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD)	As indústrias criativas estão no cerne da Economia Criativa, e se definem como ciclo de produção de bens e serviços que utilizam a criatividade e capital intelectual como principal insumo.
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)	A UNESCO identifica a diversidade cultural como a “força motriz do desenvolvimento, não só em relação ao crescimento econômico, mas também como meio de levar uma vida moral, emocional, intelectual e espiritual mais fecunda (...) – a diversidade- é, portanto, um ativo indispensável para a redução da pobreza e a realização do desenvolvimento sustentável dentro da economia criativa”.
Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI)	“A OMPI estimula as políticas de economia criativas através da proteção da propriedade intelectual.”

Elaboração própria (2022).

2.1.1 Economia Criativa de acordo com o Departamento de Cultura, Meios de Comunicação e Esportes do Reino Unido

O Departamento de Cultura, Meios de comunicação e Esportes do Reino Unido surgiu com a capacidade de construir e mapear os setores da economia criativa através de suas indústrias. De acordo com Madeira (2014, p.123)

O Creative Industries Mapping Document, de 1998, atualizado em 2001, cujo objetivo primordial foi o de subsidiar a construção de políticas para as indústrias criativas. A repercussão nacional e internacional do primeiro documento foi de grande impacto. A tendência e a preocupação de medir e

mapear a economia criativa passaram a ser seguidas por diversos países, sobretudo europeus e asiáticos.

O trabalho realizado com mapeamentos e estratégias para a demonstração de valor da economia criativa é utilizada como referência para a aplicação no Brasil. Compreendendo que os relatórios reproduzidos pelo DCMS atuaram em conjunto com as áreas de administração pública e setores privados, do país. Ou seja, a forma que se busca aplicar no Brasil, no momento em que o termo tornou-se pauta de estudos e políticas.

A autora Madeira (2014, p.126) ainda reforça as vantagens e os diferenciais do Reino Unido

A economia criativa britânica permanecerá competitiva sob vários aspectos. As razões de seu sucesso foram apresentadas em outro relatório¹⁴⁹: a consolidação de seu mercado interno, a vantagem competitiva da língua inglesa tanto na área comercial quanto de entretenimento, a importância de Londres como centro de atração de talentos e repositório de diversidade cultural (apenas comparada a Nova York) e o desenvolvimento de uma ampla infraestrutura tecnológica de apoio presente na política transversal para os setores criativos.

De acordo com Messias (2017, p. 33) uma política com estruturas, incentivos e atração de talentos criativos para os centros especializados em determinado setores criativos e para cidades britânicas, tal estratégia tornou-se o maior hub mundial da economia criativa.

2.1.2 Economia Criativa de acordo com a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento

De acordo com a UCTAD, a Economia Criativa e seus setores estão entre as três maiores indústrias mundiais, ficando atrás das indústrias de petróleo e armamento. Baseando-se então na criatividade, habilidade e cultura de cada um.

No livro de John Howkins sobre o relacionamento entre economia e criatividade, o autor aborda que “a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é nova é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza” (UNCTAD 2010, p. 9).

De forma que para o autor, existem dois tipos de criatividade: o tipo que se relaciona com a realização do indivíduo e o que gera um produto. O relatório da UNCTAD (2010, p.9) reforça a diferença entre os tipos de criatividade abordada por Howkins (2002)

O primeiro é uma característica universal da humanidade e é encontrado em todas as sociedades e culturas. O segundo é mais intenso em sociedades industriais, que atribuem um valor maior à novidade, à ciência e à inovação tecnológica e aos direitos de propriedade intelectual.

A autora Madeira (2014, p.54) reforça a abordagem de Howkins

Ao relacionar criatividade a ideias, John Howkins define economia criativa como uma economia em que as pessoas passam grande parte do tempo tendo ideias, não quaisquer umas, mas aquelas que geram produtos comercializáveis. A transição do abstrato ao prático é de difícil apreensão, mas de forma geral, ocorre quando a ideia é identificada, aplicada e se torna uma propriedade.

Apesar do conceito ainda em construção, percebe-se a importância da economia criativa e do que pode ser gerado através dela, um estímulo para a geração de renda e emprego, ao mesmo tempo que promove inclusão social, também impulsiona a cultura local, exercendo poder de incluir aspectos econômicos e culturais, além de ser um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com capacidade de desenvolvimento.

Assim como abordado pelos trabalhos acadêmicos e estudos de organizações, o presente trabalho não possui a capacidade de definir o conceito, mas visa compreender sua evolução. Concordante ao mencionado no artigo publicado pela UNCTAD (2010), a criatividade é um campo intensamente estudado, e os estudos voltado a esse tema corroboram para a qualidade e a importância para a inovação nas indústrias, nas decisões inovadoras de políticas públicas e ações de governo.

Todas as formas de inovação de desenvolvimento envolvem maior ou menor quantidade de criatividade tecnológica e são inter-relacionadas. Contudo, no ponto de vista econômico não existe uma relação aparente entre a criatividade e o desenvolvimento socioeconômico, não há uma fórmula entre criatividade e crescimento. Sendo assim, para obter informações não superficiais em relação a essa conexão, é necessário observar o ciclo da

atividade criativa através da interação de quatro formas capitais – social, cultural, humana e estrutural (UNCTAD, 2010, p.34).

Assim, obtendo um resultado da criatividade. A economia criativa advém da junção de pessoas, ideias e projetos, o capital intelectual é a principal fonte de matéria-prima desse mercado, originando dessa maneira as Indústrias Criativas (Filho, Lima e Lins, 2019, p. 6).

Conforme Fahmi, McCan e Koster (2014, p. 10) são oferecidas duas visões opostas que permeiam orientações de valor para a economia criativa, sendo elas: (i) observado como estimulante a economia cultural e indústria cultural, sendo que esta compreende os setores que atendem consumidores com intuito de exibição social, ornamento, ou por diversão. As indústrias culturais atribuem valores específicos a sua propriedade intelectual e de significado simbólico derivado da cultura aos produtos. (ii) O fator econômico, a questão que permeia é como produzir e obter retorno monetário com a ideia da economia criativa.

2.1.3 Economia Criativa de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

De acordo com Mirsharka (2019, p.15) as indústrias culturais e criativas são as que combinam criação, produção e comercialização de produtos/conteúdos criativos que sejam de natureza cultural. Incluem, toda a produção artística, cultural, arquitetura e publicidade. O relatório UNCTAD (2010) menciona que a UNESCO² se aprofundou ao tema no simpósio realizado na Índia, em 2005.

Sendo que este focou no papel das indústrias culturais no desenvolvimento, sugerindo que os papéis culturais seriam fundamentais para o desenvolvimento e redução da pobreza (UNCTAD, 2010, p.10).

O relatório publicado pela UNESCO (2005, p.3), sobre a Convenção da Proteção e Promoção da diversidade das Expressões Culturais afirma

² De acordo com a UNCTAD, as recomendações do evento conhecidas como iniciativas de Jodhpur, sugerem uma série de estratégias para coleta de dados e desenvolvimento da indústria nos países asiáticos. (2010, p.10)

Tendo em conta a importância da vitalidade das culturas para todos, incluindo as pessoas que pertencem a minorias e povos indígenas, tal como se manifesta em sua liberdade de criar, difundir e distribuir as suas expressões culturais tradicionais, bem como de ter acesso a elas, de modo a favorecer o seu próprio desenvolvimento.

De forma que a valorização do trabalho cultural é fundamental para as atividades criativas, e não o contrário. Parte-se da ideia em que os movimentos culturais são o que determinam como a criatividade poderá ser utilizada para influenciar no desenvolvimento de determinada região. John Howkins (2002) fala que a relação entre economia e criatividade não é nova, mas sim a natureza da extensão entre essas relações. O relatório da UNESCO aprimora esse argumento estendendo a cultura a este relacionamento, colocando-a como principal fator de desenvolvimento da economia criativa.

Os autores Sanguinet, Calvete e Waismann (2016, p. 280) reforçam que as atividades culturais e criativas consolidam-se pela amplitude de bens e serviços simbólico-culturais que geram, e pelo poder econômico e de mobilização social que as caracterizam. Ainda de acordo com Cândido (2014, p. 20). “Logo, a cultura é um importante pilar da Economia Criativa. Nos setores criativos, ela se constitui como um insumo para a produção de bens funcionais, não culturais”.

A economia criativa trata dos bens e serviços baseados em textos, símbolos e imagens, referem-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade individual, cujos produtos incorporam propriedade intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais.

Suas múltiplas imbricações e importantes implicações fazem com que a questão ultrapasse o campo da cultura e invada outras áreas do conhecimento, especialmente a economia e a gestão. Miguez (2007, p.97) considera:

Por seu turno, suas enormes potencialidades e evidentes impactos do ponto de vista do desenvolvimento têm feito com que a comunidade internacional detenha sua atenção sobre a problemática, em particular quanto às possibilidades que a economia criativa encerra para os países menos desenvolvidos.

O relatório apresentado pela UNCTAD (2010, p.19) sobre a economia criativa aborda de forma completa, conforme exposto a seguir

Estimulada de forma adequada, a criatividade incentiva a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e constitui o ingrediente chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo em que contribui para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental.

De acordo com Madeira (2014, p.82)

A criatividade e mais especificamente as indústrias criativas constam como um dos temas culturais da agenda da Unesco, cujo tratamento desdobra-se em ações voltadas para o desenvolvimento dos setores, educação para as artes, promoção de direitos autorais com o lançamento do observatório mundial antipirataria, além do observatório mundial sobre o status social dos artistas.

2.1.4 Economia criativa de acordo com a Organização Mundial da Propriedade Intelectual

Madeira (2014, p. 23) parte da ideia que a cultura e a economia que dela advém encontram-se interligadas de forma que constituem uma estratégia de desenvolvimento entre os países. Sendo assim, a Economia Criativa é capaz de tornar um país cujo não possuísse vantagens comparativas, a se destacar com uma particularidade cultural, tornando-a criativa e industrial, conforme Newbiggin “a lei de propriedade intelectual é o agente catalisador que converte a atividade criativa em indústria criativa” (2010, p.15).

Pode-se observar então a essa maneira que a indústria criativa não está limitada a criatividade cultural, mesmo que esta seja essencial para a formação de seu conceito. Inclui-se a indústria criativa os ativos tecnológicos e econômicos, podendo-se dizer que tais recursos são atrativos, principalmente para uma região cuja tecnologia é avançada.

Há, portanto, uma busca de inovação aos meios de desenvolvimento industriais, principalmente focado ao grau de impacto da indústria de transformação, e no meio social e econômico tem sido âmbito de debates às

políticas aplicadas pelas empresas e governos para que ocorra enfim um crescimento sustentável das regiões.

A economia criativa é, então, um dos setores mais dinâmicos da economia global, conforme Miguez (2007, p. 97). Abrangendo um vasto conjunto de atividades – sendo estes – artesanato, a moda, indústrias culturais clássicas (do audiovisual, da música e do livro) e as novas indústrias de softwares e dos jogos eletrônicos, entre mais. Como aprofundado por Mendonça (2018, p.12)

Os jogos digitais são ao mesmo tempo artefatos tecnológicos e culturais, que utilizam conhecimentos científicos e tecnológicos avançados, e são sujeitos aos determinantes da produção desse conhecimento. Por se tratar de um produto tecnológico e criativo, os jogos digitais produzem inúmeras externalidades que vão além do mero entretenimento.

Neste sentido, a OMPI estimula as políticas de economia criativas através da proteção da propriedade intelectual.

A OMPI não depende das contribuições dos países-membros, tendo por volta de 90% de suas receitas provenientes da cobrança de taxas do sistema de registro de marcas, patentes e direitos autorais (Economia Criativa: Implicações e desafios para a política externa brasileira. 2014, p.91)

2.2 INDÚSTRIA CRIATIVA

A indústria criativa, é de forma concreta, parte da construção de um conceito para a economia criativa, sendo inserida nos locais certos poderá destacar-se por mais de uma habilidade e cultura.

De acordo com Reis (2008, p.16) o conceito de indústria criativa foi inspirado no projeto *Creative Nation*, da Austrália, em 1994. Messias (2017, p.23) menciona que,

O Creative Nation atuou em promover o potencial econômico através de atividades culturais, e pela primeira vez uma política cultural abordou a produção cultural em sentido amplo e como capital econômico, bem como articulando atividades educacionais, direitos autorais, incentivo às exportações e benefícios fiscais.

No discurso de lançamento, o Primeiro-Ministro³ defendeu a importância em aproveitar as oportunidades geradas pela globalização e pelas mídias digitais para promover o valor da cultura australiana para o desenvolvimento do país (AUSTRÁLIA, 1994). Bendassolli, Jr, Kirschbaum e Cunha (2008, p. 11) reforçam que as mudanças econômicas e sociais fizeram com que se deslocasse o foco em atividades industriais, para as atividades intensivas em conhecimento.

O termo indústria criativa ganhou maior exposição em 1998, quando legisladores do DCMS estabeleceram a Força Tarefa das Indústrias Criativas. De acordo com o Messias, o caso inglês é comumente utilizado como referência, devido ao seu pioneirismo e à associação do tema com uma agente política e econômica (2017, p, 28).

Estes países buscam equacionar questões de exclusão social e realocação da mão-de-obra industrial por meio da formação, valorização, atração e desenvolvimento de capital humano criativo e cultural - principalmente no Reino Unido, onde as consequências da desindustrialização tiveram grande impacto.

Independentemente de onde se aplica, os meios criativos devem respeitar e assegurar a individualidade de cada região. A Austrália conta em assegurar a cultura do país, respeitando os povos originários e comprometendo-se com a sustentabilidade da arte indígena, por exemplo.

Para chegar à compreensão da indústria criativa é necessário definir os produtos e serviços que as indústrias produzem, considerando que quando citada pela primeira vez, fora aplicada ao escopo das indústrias culturais. Possuindo um marco significativo quando inserido na agenda econômica de desenvolvimento internacional, conforme UNCTAD (2010, p.37)

A abordagem da UNCTAD para as indústrias criativas se apoia em ampliar o conceito de “criatividade”, passando-o de atividades que possuem um sólido componente artístico para “qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível” (UNCTAD, 2004). A UNCTAD diferencia “atividades upstream” (atividades culturais tradicionais, tais como artes cênicas ou visuais) de “atividades downstream” (que possuem uma proximidade muito

³ Primeiro-ministro Kevin Rudd, de 2007, de acordo com Messias (2017, p.38).

maior com o mercado, como publicidade, editoras ou atividades relacionadas à mídia).

Independente da abordagem, não há controvérsia quando dito que a indústria criativa é o termo mais amplo do que compõe a economia criativa. Vale, aqui, lembrar que alguns estudiosos da matéria têm insistido na compreensão de que as indústrias criativas significam, particularmente, a ampliação dos campos de estudos e pesquisas dedicados às artes, às indústrias culturais na perspectiva da incorporação de setores e dinâmicas típicas da nova economia. Assim sendo, este novo campo – novo para a academia, para as políticas e para o mercado – parte do importante e indispensável repertório de reflexões que, ao longo dos últimos cinquenta anos, chama-se de economia da cultura.

A autora Madeira (2014, p.57) reforça que as indústrias criativas surgem em um contexto no qual o Governo Britânico pudesse medir a importância econômica do setor por meio do Creative Industries Mapping Document (1998), de maneira que

As indústrias criativas lidam com a exploração de textos, símbolos e imagens – produtos criativos têm maior valor agregado simbólico do que material – e revelam potencial considerável para produzir riqueza e empregos, por meio da geração e exploração de direitos de propriedade intelectual

De forma que ao respeitar a individualidade das indústrias criativas, cada país estabelece os setores que definem como criativos. De acordo com Messias (2017, p.39)

No documento Building a Creative Innovation Economy 11 (2008), as creative industries australianas constituem seis setores: 1) música e artes cênicas; 2) cinema, televisão e rádio; 3) publicidade e marketing; 4) desenvolvimento de software e conteúdo interativo; 5) escrita, publicação e mídia impressa; e 6) arquitetura, design e artes visuais.

Em 2002, quando pela primeira vez há um evento realizado com foco na Economia Criativa, na Austrália, intitulado *New Economy Creativity and Consumption Symposium* – assim citado na introdução - reunindo estudiosos vinculados a instituições focadas em avançar, em conjunto, na reflexão e nos impactos sociais e culturais da economia criativa, construindo assim, uma agenda dedicada a temática (internacional 2004, *apud* Paulo Martinez 2007).

De forma que o valor do trabalho criativo tornou-se reconhecido como insumo atrativo para a economia. Os autores Bendassolli, Jr, Kirschbaum e Cunha afirmam (2009, p.12)

A partir da análise feita, leva a constatação de quatro componentes principais. i) nas indústrias criativas a criatividade é o elemento central, sendo percebida como necessária para a geração de propriedade intelectual. li) A cultura é tratada na forma de objetos culturais. Esses objetos são definidos pela carga dos sentidos socialmente compartilhados que carregam derivando seu valor de tal carga. iii) IC transformam esses significados em propriedade intelectual, e, portanto, em valor econômico. iv) observa-se um pressuposto de convergência entre artes, negócios e tecnologia.

Assim como a Economia Criativa possui a definição em perspectiva para cada ambiente onde é aplicada, assim é a indústria criativa. Que é necessário compreender através de suas características.

Tabela 2 - Definição de Indústria Criativa (Principais autores)

Definição	Fonte
“Atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza por meio da geração e exploração de propriedade intelectual [...] As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor econômico reside nas suas propriedades culturais (ou intelectuais).	DCMS (2005, p.5)
“A UNCTAD diferencia “atividades upstream” (atividades culturais tradicionais, tais como artes cênicas ou visuais) de “atividades downstream” (que possuem uma proximidade muito maior com o mercado, como publicidade, editoras ou atividades relacionadas à mídia) e argumenta que o segundo grupo deriva seu valor comercial dos baixos custos de reprodução e fácil transferência para outros domínios econômicos.”	UNCTAD (2010, p.7)
“Florida não trata da indústria criativa e sim do que ele chama de creative class, ou seja, profissões e ocupações predominantemente criativas, profissionais que têm em comum um processo criativo, sejam estes, cientistas, artistas, poetas, arquitetos, editores, formadores de opinião.”	Florida (2002)
“Em minha perspectiva, é mais coerente restringir o termo ‘indústria criativa’ a uma indústria onde o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual.”	Howkins (2005, p.119)

Elaboração própria (2022).

Richard Florida utilizou de suas competências para tornar a questão da economia criativa como um dado do mundo contemporâneo: “*Today’s economy is fundamentally a creative Economy*” (UNCTAD, 2010 *apud* Florida, 2002). Florida, em seus livros, não trata da indústria criativa e sim do que ele chama de *creative class*, ou seja, profissões e ocupações predominantemente criativas, profissionais que têm em comum um processo criativo, sejam estes, cientistas, artistas, poetas, arquitetos, editores, formadores de opinião. (UNCTAD, 2010 *apud* Florida, 2002).

Howkins, em 2005, preocupado com os desdobramentos futuros da indústria e economia criativa alerta temáticas que devem ser consideradas para uma evolução positiva desta política, sendo essas: necessidade de revisão do conceito, a importância de promover a aproximação entre criatividade e inovação, a necessidade de revisão de marcos regulatórios de propriedade intelectual na direção do interesse público.

Conforme, publicado pelo IPEA (2018, p.8)

Em relação ao mercado de trabalho e seus aspectos sociais e econômicos, tem sido documentado na literatura que as ocupações criativas tendem a pagar melhores salários e têm sido associadas a empregos de melhor qualidade, níveis de satisfação acima das ocupações de rotina, por conta do compromisso e senso de envolvimento cultural e criativo. Além disso, sabe-se que iniciativas culturais de base que promovem a inclusão social podem ser potencializadas a partir da abordagem da economia criativa, e que o desenvolvimento de certas indústrias criativas pode reduzir disparidades de gênero, uma vez que muitas mulheres trabalham na produção de artesanato, moda e áreas afins.

2.2.1 Indústria Criativa de acordo com a Conferência Das Nações Unidas Para Comércio e Desenvolvimento

Na linha de visão publicada pela UNCTAD (2010), a cadeia produtiva da Indústria Criativa é formada por três grandes categorias, sendo essas o núcleo da indústria criativa, onde é a base das atividades profissionais ou econômicas das ideias de geração de valor; por seguinte, atividades relacionadas, profissionais e estabelecimentos que participam e levam diretamente bens e serviços as indústrias criativas; e por fim, o apoio, ofertantes de bens e serviços de forma indireta.

De acordo com Sanguinet, Calvete e Waismann (2016, p. 283) o sistema de classificação para as indústrias criativas pode estar sujeito a adequações de um país para o outro, mas são baseados na classificação da UNCTAD a classificação para os setores criativos, subdivididos em quatro grupos, que, por sua vez, são subdivididos em nove subgrupos e 36 setores (UNCTAD, 2010, *apud* Sanguinet, Calvete e Waismann, p. 283, 2016).

Abaixo, segue a classificação da UNCTAD para a Indústria criativa, dividida em quatro grandes grupos: patrimônio, artes, mídias (mídia impressa e audiovisual) e criações funcionais (*design*, moda, novas mídias, e serviços criativos, tais como arquitetura, consultoria e propaganda).

Tabela 3 - Grandes grupos e subgrupos nos setores de Economia Criativa de acordo com a UNCTAD (2010).

GRUPOS	SUBGRUPOS	SETORES
Patrimônio	Expressões Culturais Tradicionais	Artesanato
		Festivais
		Celebrações
	Locais culturais	Sítios arqueológicos
		Museus
		Bibliotecas
		Exposições
Artes	Artes Visuais	Pinturas
		Esculturas
		Fotografia
		Antiguidades
	Artes Cênicas	Música ao vivo
		Teatro
		Dança
		Ópera
		Circo

		Teatro de fantoche
Mídia	Editoras e Mídia impressa	Livros
		Imprensa
		Outras publicações
	Audiovisuais	Filme
		Televisão
		Rádio
		Demais radiodifusões
Criações Funcionais	Design	Interiores
		Gráfico
		Moda
		Joalheria
		Brinquedo
	Novas Mídias	Software
		Video Games
		Conteúdo digital criativo
	Serviços Criativos	Arquitetônico
		Publicidade
		Cultural e recreativo
		Pesquisa e Desenvolvimento Criativo

Elaboração Própria, a partir da UNCTAD 2010. (2022)

Observando os setores dos grupos nota-se que tanto o primeiro, quanto o segundo estão focados no setor cultural, conforme Marinho (2012, p. 9) o grupo setorial é o que reúne expressões culturais e espaços ou sítios culturais, estimulando o desenvolvimento de serviços qualificados de atendimento ao público. O terceiro grupo avança o sentido cultural para um grande público, compreendendo que através de tais mídias, pode ser alcançado um número que tradicionalmente não estaria como receptores da informação. E por último,

uma observação além do grupo que detém poder cultural, e contempla um público de criação de conteúdo e de serviços.

Baseado nas informações adquiridas, compreende-se o objetivo da política de economia criativa, em abranger e incorporar o mercado, as indústrias e os meios governamentais capazes de influenciar e tornar crescente as indústrias criativas, neste trabalho, possuindo um foco especial na capacidade produtiva no mercado de trabalho. Ainda, de acordo com os Valiati, Miguez, Cauzzi e Silva (2017, p.15)

Segundo a European Commission (2010), por outro lado, as indústrias culturais são aquelas que produzem e distribuem bens e serviços que estão relacionados a expressões culturais, independentemente de seu valor comercial. As indústrias criativas, por sua vez, são aquelas em que a cultura é utilizada como um insumo e que, embora possuam essa dimensão cultural, têm como propósito principal a fabricação de produtos funcionais. Dessa forma, essas indústrias podem integrar elementos criativos em processos mais amplos, como é o caso da arquitetura e do design.

Na publicação do relatório de 2010, a UNCTAD além de atualizar dados sobre o funcionamento da Economia Criativa, buscou padronizar a coleta dessas informações ao redor do mundo, na finalidade de contribuir para um mapeamento mais completo dessa nova economia (2010, p. 7)

Do ponto de vista da coleta de dados estatísticos, contudo, um conjunto padronizado de definições e um sistema de classificação comum são necessários como base para a elaboração de uma estrutura funcional que aborde as indústrias criativas dentro dos sistemas de classificação industrial padrão mais amplos, aplicáveis em toda a economia.

2.2.2 Indústria Criativa de acordo com o Departamento de Cultura, Meios de Comunicação e Esportes do Reino Unido

De acordo com Messias (2017 p. 49) o *mapping document* tinha um papel primordial em mensurar as indústrias criativas, utilizando como base a possibilidade de gerar direitos de propriedade intelectual. Madeira afirma (2014, p. 123)

O dado que mais impressionou foi a avaliação de que essas indústrias contribuíam com cerca de 8% de toda a atividade

econômica do país, responsáveis pela geração de aproximadamente 7 a 8% dos empregos. Em termos de comércio exterior, produtos criativos geravam, à época, cerca de meio bilhão de libras esterlinas em exportações, o que corroborou a imagem do Reino Unido como um dos líderes mundiais do mercado.

Os autores mencionam a importância para o desenvolvimento de uma nova economia que está de frente com a globalização e seus empecilhos. No sentido, que a criatividade atrelada a inovação tecnológica e de programas capazes de estimular uma economia em crise, a autora Askerud (2008, p.237)

A globalização e a crescente importância do conhecimento ou da informação como alicerces para o crescimento econômico representam transformações fundamentais e estruturais na economia e no comércio, e que afetam o mundo inteiro. Na transição para uma economia global baseada no conhecimento, as indústrias criativas são os setores que mais crescem na economia global.

É de conhecimento que o comércio impacta a economia do país que exporta e importa os bens. Uma mudança de comércio baseado na capacidade intelectual transforma o mundo dos negócios, e como estes são organizados.

2.2.3 Indústria criativa de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

A Indústria criativa a partir da UNESCO, caracteriza-se através da indústria cultural, e a grandeza da diversidade é essencial para a visibilidade de uma região. Em conjunto com a globalização acelerada, os momentos culturais tornam-se pontos de fuga e de incentivo a diversidade cultural, segundo a UNCTAD (2010, p.25)

Como a cultura é intrínseca à realização das aspirações humanas, é possível argumentar que a diversidade cultural será um fator importante na promoção do desenvolvimento econômico, social e cultural.

O relatório UNCTAD utiliza o termo de sustentabilidade para além do escopo de meio ambiente, e o aplica na cultura como um processo que mantém todos os tipos de ativos culturais, desde idiomas nativos como locais

patrimoniais (2010, p. 10). De maneira que as atividades culturais retornam valor econômico.

As indústrias criativas que utilizam esses recursos não somente capacitam os países a contarem suas próprias histórias e projetar suas próprias identidades culturais singulares para si mesmos e para o mundo, mas também proporcionam a esses países uma fonte de crescimento econômico, criação de emprego e maior participação na economia global. Ao mesmo tempo, a economia criativa promove a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano.

2.2.4 Indústria Criativa de acordo com a Organização Mundial Da Propriedade Intelectual

É indispensável que a economia criativa valorize o papel da propriedade intelectual, essencial para o desenvolvimento das indústrias criativas no país, de acordo com o relatório da UNCTAD (2010, p. 169). Propriedade intelectual são direitos protegidos por leis resultadas de atividades intelectuais nas mais diversas áreas, podendo ser essas: música, teatro, literária, dentre outras atividades artísticas. Sendo que esses direitos não se encaixam para atividades de mercadorias físicas.

A função da propriedade intelectual é afirmada, não só nas convenções internacionais de propriedade, mas também nos instrumentos essenciais para outras políticas, tais como a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, que reconhece “a importância dos direitos de propriedade intelectual no apoio àqueles envolvidos em criatividade cultural. (2010, p. 170).

Ou seja, de acordo com a OMPI, para o funcionamento adequado de uma política de economia criativa, é necessário conhecer os direitos, seja de atividades culturais e artísticas. O contra-argumento é que a aversão a pirataria é uma tentativa para defender os interesses em um ambiente global, com mudanças constantes.

Este modelo se baseia nas indústrias envolvidas direta ou indiretamente na criação, fabricação, produção, radiodifusão e distribuição de trabalhos protegidos por direito autoral (OMPI, *apud* UNCTAD, 2003, p. 6).

3 ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL E OS IMPACTOS GERADOS NO MERCADO DE TRABALHO.

3.1 Economia Criativa No Brasil

Para compreender como a Economia Criativa tornou-se uma ferramenta de política pública no Brasil, é necessário utilizar informações do início das aplicações das mesmas. Contudo, não há no Brasil coleta de dados ou uma maneira correta de mensurar a criatividade como capacitador de desenvolvimento econômico. Assim, este trabalho busca relatórios para demonstrar se políticas públicas influenciam o crescimento da criatividade nos setores, e se estes são capazes de fomentar o desenvolvimento do Estado.

Furtado⁴, assume a coexistência de um “processo libertador de energias humanas que constitui a fonte última do que entendemos por desenvolvimento” (Pacheco 2018, p. 6 *apud* Furtado, 1978, p.164). Ainda, o autor continua

O espaço da cultura está delimitado pela ação criadora homem, a qual expressa a sua liberdade. É nas formas que assume a criatividade que podemos encontrar a chave para captar as tendências mais profundas de nossa civilização. Ora, por um ou outro caminho essas formas tenderam a gravitar em torno de um processo de acumulação.

Furtado (1978) preocupa-se em fazer com que a dimensão criativa fosse retraída a tentativa de ressignificação do capital. A preocupação evidentemente coesa, Pacheco (2018, p.332), faz com que Furtado seja sucinto ao afirmar o papel qualificado do Estado, seja no incentivo ou na formulação de políticas públicas que estejam alinhadas a realidade brasileira. Brandão (2013, p. 253) traz que dessa forma “somente com vontade política será capaz de direcionar esse aparato criativo para a reconstrução de estruturas sociais novas na direção de formas superiores de vida”.

É utilizado neste trabalho a base de dados RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), apropriando de seus resultados de informações

⁴ Economista e ex-ministro da Cultura do Brasil sob José Sarney (de 1986 a 1988).

socioeconômicas para avaliar o desempenho do país desde o período em que a economia criativa tornou-se pauta de ação do governo.

De acordo com a publicação do Plano de Economia Criativa no Brasil em 2011, as questões permeiam o seguinte:

Como transformar um “esforço desesperado de cultura” em um direito fundamental ao desenvolvimento? O MinC responde de forma propositiva a essa questão, criando uma Secretaria da Economia Criativa, com o objetivo de ampliar a transversalidade de suas políticas dentro dos governos e com a sociedade

No ano da publicação do Plano da Economia Criativa, destaca-se que para a primeira etapa para a construção foi o conceito ideal para Economia Criativa (2011, p. 21)

Necessitávamos da definição de um conceito que servisse tanto como ponto de partida, como fio condutor do processo de elaboração do Plano. Sabíamos da necessidade de definir conteúdos para a expressão “economia criativa”, em função da ambigüidade e vagueza da mesma, que provocaria ruídos em nosso planejamento. Por outro lado, tínhamos consciência de que se o conceito de economia criativa é novo e ainda se encontra em construção, mesmo entre os países desenvolvidos, nós necessitaríamos adequá-lo, em nosso Plano, às especificidades e características brasileiras

Na maneira que a primeira tarefa foi pactuar os fundamentos da economia criativa a partir de quatro princípios: inclusão social, sustentabilidade, inovação, e diversidade cultural brasileira (2011, p.21). Industrias criativas são, na verdade, setores criativos, de acordo com o Plano da Economia Criativa (2014, p. 21)

Na língua inglesa o termo “indústria” significa “setor” ou o conjunto de empresas que realizam uma atividade produtiva comum (e.g. setor automobilístico, setor de vestuário etc.). Isto tende a gerar uma série de “ruídos” de cognição em função da estreita associação que se faz comumente no Brasil entre o termo “indústria” e as atividades fabris de larga escala, massificadas e seriadas. Assim, para efeito deste Plano e da proposição de políticas públicas, é adotado o termo “setores criativos” como representativo dos diversos conjuntos de empreendimentos que atuam no campo da Economia Criativa.

A economia criativa no Brasil procura os ambientes onde podem ser aplicadas, de acordo com o relatório do Conselho Britânico junto ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), publicado em 2018, é um novo foco no Brasil oferecer apoio a empresários criativos, buscando desenvolver instrumentos que incentivem uma Economia Criativa mais diversificada, e inclusiva.

Ainda, de acordo com o relatório, existe um déficit de dados abrangentes e sólidos relacionados a Economia Criativa aplicada ao Brasil. De forma que o trabalho que aqui se desenvolve poderá atuar como parâmetro para complementar outros estudos e buscar contribuir para o desenvolvimento de políticas, que devido à falta de dados, torna o objetivo desafiador.

O Ministério da Cultura (2014, p. 14) define quatro forças que impulsionam o desenvolvimento, sendo estes

A organização flexível da produção; a difusão das inovações e do conhecimento; a mudança e adaptação das instituições e o desenvolvimento urbano do território. A interação entre essas forças produziria a necessária sinergia capaz de alavancar um desenvolvimento endógeno que, por sua vez, permitiria ao Brasil, uma nova alternativa de crescimento econômico não mais construído de fora para dentro, mas resultado de uma dinâmica econômica local.

O relatório British (2016) reforça que ainda exista uma riqueza de diversidade cultural, no qual pouco tem sido feito no sentido de torná-la um vetor efetivo de desenvolvimento, gerador de inovação, sustentabilidade e inclusão.

A aplicação de uma política que beneficie a criatividade é capaz de promover o que já existe no Brasil. Sua extensão territorial e populacional tem vantagens gigantes, e oportunidades para agregar ao desenvolvimento econômico, social e sustentável do país. Ademais, fortalecendo os empreendedores criativos, poderão beneficiar-se ainda mais dos eventos culturais.

O relatório publicado pela British⁵ em conjunto com o SEBRAE foi realizado principalmente para influenciar as decisões dos investidores, interessados no crescimento da Economia criativa no Brasil.

Ele foi elaborado de acordo com as demandas e prioridades de desenvolvimento dos stakeholders (partes interessadas) no país, com o objetivo de oferecer apoio ao ambiente de pesquisa e possibilitar o impacto ideal da pesquisa. (A economia criativa Brasileira. 2018, p. 2).

De forma que as oportunidades e os desafios foram elencados ao longo do trabalho. No decorrer deste estudo é mencionado como a economia criativa ainda não tem uma mensuração específica, contudo, o aumento da busca em criar políticas estratégicas para a criatividade, foi criada a Secretaria da Economia Criativa, junto ao Ministério da Cultura, que conduziu ao desenvolvimento do Plano da Secretária de Economia Criativa para o período 2011 - 2014. Segundo o relatório (2018, p.5)

A missão da SEC era: “Conduzir a formulação, a implementação e o monitoramento de políticas públicas para o desenvolvimento local e regional, priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micros e pequenos empreendedores criativos brasileiros. O objetivo é fazer da cultura um eixo estratégico nas políticas de desenvolvimento do Estado brasileiro”.

Para entender, então, como deve ser realizado a busca por informações, dados, e meios de utilizar a economia criativa como política pública, é necessário compreender o que de fato ela abrange no Brasil. Concordante ao que Leitão trouxe na apresentação do Plano da Economia Criativa “para enfrentar as indagações precisamos de pesquisas, de indicadores e de metodologias para a produção de dados confiáveis” (2011, p.15).

Com o conteúdo apresentado no tópico anterior, observa-se assim a dificuldade em diferenciar ou tratar de modos diferentes a economia criativa e a economia cultural, quando na verdade poderiam ser consideradas conjuntas. Como incrementado pelos autores Sanguinet, Calvete e Waismann (2016, p. 285) todo setor cultural é criativo por definição, mas nem todo setor criativo é cultural. De forma que a diversidade, de acordo com o MinC (2011, 19) não

⁵ O British Council é a organização internacional do Reino Unido responsável pelas relações culturais e oportunidades de educação. É registrado no Reino Unido como organização sem fins lucrativos. Este relatório foi publicada em parceria com o SEBRAE.

deve ser compreendida como um bem a ser valorizado, mas como uma nova compreensão do desenvolvimento.

Ainda no ano de 2011, a então Secretária da Cultura reforça que a economia e os setores criativos do Brasil possuem características próprias e não reconhecidas em outras economias em desenvolvimento. Sendo então, necessária uma implementação com base em uma classificação brasileira (2011, p.21).

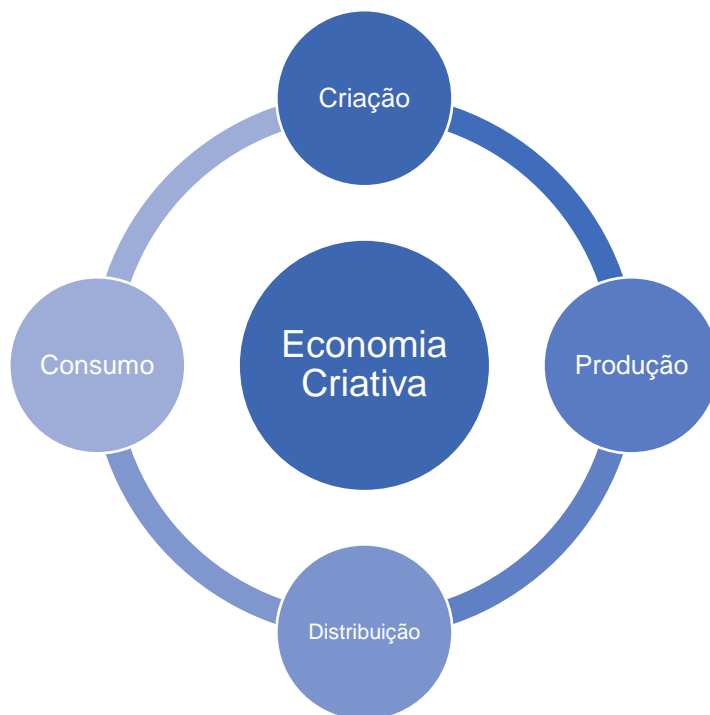
Assim, ao invés de reproduzir conceitos de outros países com realidades políticas, econômicas, culturais e sociais divergentes de nós, deveríamos aceitar o desafio de ampliar os significados da economia criativa, adaptando-a às potencialidades e às características do nosso país.

De maneira que ainda de acordo com a Plano da Economia Criativa, deve-se considerar que os setores criativos são aqueles cuja geração de valor econômico se dá basicamente em função da exploração da propriedade intelectual (2011, p. 22).

Os setores criativos são todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica.

Antecedente ao Plano da Economia Criativa, a mesma já estava como pauta para o MinC, e em 2010 incluiu o eixo Economia Criativa para a construção de estratégias setoriais na II Conferência Nacional de Cultura, no objetivo de levantar diagnósticos – ainda escassos -, levantar demandas, e identificar os setores a fim de constituir colegiados. A figura 1 representa, de acordo com a SEC em 2011, a Economia Criativa e a dinâmica de funcionamento dos seus elos.

Figura 1 - A Economia Criativa e a dinâmica de funcionamento dos seus elos.



Elaboração própria de acordo com a SEC no Plano de Economia Criativa do Brasil, 2011. (2022)

Sendo assim, a Economia Criativa de acordo com o Plano da Economia Criativa do Brasil, chamou-se a economia do intangível, alimentando-se da criatividade e da capacidade intelectual, seja este de um indivíduo ou de um coletivo.

Para a construção de estudos capazes de agregar ao tema da Economia Criativa, faz-se necessário uma tabela capaz de delimitar os setores criativos no Brasil. O mapeamento realizado pela FIRJAN, assim como o relatório da UNCTAD, foram utilizados para estimar as informações o qual se baseou o MinC para a delimitação dos setores criativos.

A seguir, na tabela 4 traz-se o escopo dos setores criativos através da definição do Ministério da Cultura (2011, p. 29). Assemelhando-se assim, a construção do escopo de setores criativos da UNESCO.

A idéia principal da construção deste escopo foi a de criar e disponibilizar para os diversos países uma ferramenta que permitisse a organização e a comparabilidade de estatísticas nacionais e internacionais no âmbito das expressões culturais, contemplando aspectos relacionados aos modos de produção sociais e econômicos.

Tabela 4 - Escopo dos Setores criativos na classificação do Ministério da Cultura (2011)

No campo patrimônio	Patrimônio material
	Patrimônio imaterial

	Arquivos
	Museus
No campo das expressões culturais – cultura	Artesanato
	Culturas populares
	Culturas indígenas
	Culturas Afro-Brasileiras
	Artes visuais
No campo das artes de espetáculo	Dança
	Música
	Circo
	Teatro
No campo audiovisual e do livro, da literatura e da leitura - Mídias	Cinema e vídeo
	Publicações e mídias impressas
No campo das criações funcionais – Consumo	Moda
	Design
	Arquitetura
	Arte digital

Elaboração própria a partir da publicação do Ministério da Cultura (2011)

Para que a compreensão dos impactos destes setores, o MinC reporta os dados obtidos para cada setor considerado criativo no Brasil, ainda destacando a imprecisão dos dados devido as metodologias de estudos adotadas ainda sob uma perspectiva rasa da economia criativa, e dos setores criativos no Brasil.

A partir dos mapeamentos das indústrias criativas realizadas pela FIRJAN, desde 2012, este apresenta dados com base nas estatísticas do Ministério do Trabalho. No Brasil, conforme mapeamento de 2012, os dados demonstraram uma constante. Em 2010, consoante ao mapeamento FIRJAN, 243 mil empresas formavam o núcleo da indústria criativa (2012). É interessante salientar a importância de cada vínculo ao setor criativo, entendendo que ela interfere e utiliza-se de serviços e atividades externas, movimentando um fluxo de desenvolvimento econômico.

Com base na massa salarial gerada por essas empresas, estima-se que o núcleo criativo gera um Produto Interno Bruto equivalente a R\$ 110 bilhões, ou 2,7% do total produzido no Brasil. Essa cifra chega a R\$ 735 bilhões se considerada a produção de toda a Cadeia da Indústria Criativa nacional, equivalente a 18% do PIB brasileiro. (Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil, p. 7, 2012).

A Secretaria de Economia Criativa avançou, em 2011 com princípios norteadores definidos para a formulação de políticas públicas de economia criativa no Brasil, baseado e adequado à sua realidade nacional, sendo esses (2016, p. 12)

i) diversidade cultural: valorizar, proteger e promover a diversidade das expressões culturais nacionais como forma de garantir sua originalidade, a sua força e o seu potencial de crescimento; ii) inclusão social: garantir a inclusão integral de segmentos da população em situação de vulnerabilidade social por meio da formação e qualificação profissional e da geração de oportunidades de trabalho, renda e empreendimento criativos; iii) sustentabilidade: promover o desenvolvimento do território garantindo a sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica; iv) inovação: fomentar práticas de inovação em todos os setores criativos, em especial naqueles cujos produtos são frutos da integração entre novas tecnologias e conteúdos culturais.

De acordo com o Plano da Economia, a criatividade brasileira é, portanto, processo e produto da diversidade cultural. Na maneira que, a Economia Criativa deve então se constituir numa dinâmica de valorização.

Tendo isso, a promoção de nível de desenvolvimento atrelado ao uso e consumo dos recursos naturais e de tecnologias poluentes nas estruturas produtivas, com objetivos de obter maiores lucros e vantagens, desencadeou a um desequilíbrio ambiental (Plano da Economia Criativa, 2011, p.33). Modo este que, é definir qual o desenvolvimento se deseja e como pode ser garantido a responsabilidade social, cultural, ambiental e econômica.

A inovação é essencial para estar em conectividade com a economia criativa, o processo de inovar envolve elementos diversos para que por fim, ocorra o desenvolvimento.

Fazendo um panorama com base nos artigos publicados, o mapeamento da FIRJAN (2012) afirma que o mercado formal de trabalho do núcleo criativo era composto por 810 mil profissionais, o que representa, 1,7% do total de trabalhadores com carteira assinada.

Reafirmando então as palavras da pesquisadora Wyszomirski (2012) onde observa que o desenvolvimento dos setores criativos desempenha um papel importante no progresso urbano e regional.

As tabelas demonstradas no artigo IPEA (2013, p. 26) demonstram que a economia criativa empregou 575 mil trabalhadores formais em 2010, sendo que, as taxas de crescimento anual do emprego na economia criativa não pareceram diferenciar-se da taxa de crescimento de emprego. Segundo IPEA o recorte setorial está vinculado ao setor que mais emprega sendo publicações e mídias impressas, a mídia nova voltada as redes sociais, serviços criativos e audiovisuais.

O Brasil possui uma vasta cultura, capaz de produzir e mesmo importar a qualidade dos serviços criativos e de capacidade intelectual. Para este, é importante centralizar as informações no mercado de trabalho, na finalidade de buscar soluções para os desafios encontrados na Economia Criativa no Brasil.

De acordo com Guilherme (2015, p. 21) um dos problemas para o desenvolvimento da Economia Criativa no Brasil é a ausência de informações, dados e de análises produzidos e sistematizados; baixa oferta de formação em todos os níveis (técnicos, profissionalizante e superior) para os setores criativos, e a baixa institucionalidade da Economia Criativa nos Planos Municipais e Estaduais de Desenvolvimento, o que enfraquece os ciclos dos setores criativos.

O Plano de Economia Criativa traz consigo os desafios da Economia Criativa aplicada ao Brasil, sendo: i) O levantamento de informações e dados da economia criativa; ii) articulação e estímulo ao fomento de empreendimentos criativos; iii) educação para competências criativas; iv) infraestrutura de criação, produção, distribuição/circulação e consumo/fruição de bens e serviços criativos, v) criação/adequação de Marcos Legais para os setores criativos.

Os dados pelos autores IPEA, em 2013, demonstraram que o PIB gerado pela economia criativa no Brasil varia entre 1,2% e 2% do PIB. Quando comparado aos países que já atuam nesse setor, o Brasil está abaixo da média, podendo ser observado como oportunidade de crescimento e desenvolvimento. Consoante a essa informação, destaca-se a seguir, o relatório do IPEA (2018, p.46)

Os dados também permitem analisar como estão distribuídos espacialmente os trabalhadores criativos. Eles se concentram

nas grandes cidades, especialmente naquelas do Sudeste e a e Sul brasileiros. Sem embargo, a teoria prevê a concentração dos empregos criativos nos grandes centros.

Sendo assim, considerando ainda os desafios para a aplicação da Economia Criativa no Brasil, existe nas pequenas cidades a oportunidade de destacar-se com o uso de políticas viáveis para seu desenvolvimento. Quando se conhece o desafio, sabe-se por qual caminho pode seguir a maneira de romper este ciclo, trazendo novas oportunidades criativas para dentro de pequenas regiões.

De acordo com o Plano da Economia Criativa (2011, p.39) em ampliar a participação da cultura no desenvolvimento socioeconômico sustentável, fez-se importante compreender que:

Em função da ampliação do escopo da Economia da Cultura para Economia Criativa, essas diretrizes também foram ampliadas. Onde se lê, portanto, trabalhador da cultura, leia-se trabalhador criativo. Onde se lê economia da cultura, leia-se economia criativa.

Ficou-se estabelecido, através do Plano da Secretaria da Economia Criativa objetivos de i) capacitação e assistência ao trabalhador da cultura (trabalhador criativo); ii) estímulo ao desenvolvimento da Economia Criativa; iii) turismo cultural; iv) regulação econômica (marcos legais); v) estrutura organizacional.

4 METODOLOGIA

Ao analisar as características do que se compreende como setores criativos, entende-se que a perenidade dos estudos voltados à área proporciona novos resultados, capazes de contribuir aos futuros trabalhos, relatórios acadêmicos, ou de ação governamental. Observa-se também que, para cada região existe um potencial criativo maior, que é abordado ao longo do capítulo 5, focando sobre os COREDEs selecionados para encorpar as hipóteses esperadas deste estudo.

Leitão⁶ (2013) tece as informações que a economia criativa deve ser adaptada para as regiões o qual se buscam implementar a ideia de criatividade e desenvolvimento. E com isso, refez-se o procedimento aplicado pelo DEE (2019, p. 3)

Assim, o modelo classifica as indústrias em quatro grandes grupos (patrimônio, artes, mídia e criações funcionais), subdivididos em nove subgrupos que se conectam. Dessa forma, foram selecionadas, no âmbito da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), aquelas que se adaptam melhor ao modelo selecionado.

Com isso, segue-se o padrão para que futuramente o procedimento possa ser replicado, e incrementado aos resultados encontrados nos trabalhos referenciados.

4.1 Classificação

O trabalho tem por objetivo compreender se a partir da publicação do Plano de Economia criativa, e compreensão da importância do tema através de abordagens acadêmicas, de convenções e políticas públicas, impactaram no mercado de trabalho do Estado do Rio Grande do Sul. Entendendo que, com despertar criativo para as produções, os postos de trabalhos podem ter sido reinventados, assim como desenvolvidos para fortalecer a economia de uma região.

A pesquisa foi feita com base em relatórios e periódicos acadêmicos, para trabalhar a compreensão do tema, pois por ser recente, ainda há controvérsias ao apresentá-lo ou firmá-lo com somente uma característica.

Cita-se aqui a importância na escolha dos relatórios e publicações para considerar a qualidade da literatura realizada, que neste caso, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, através de Moreira (2004, p. 23)

Para o pesquisador, notadamente no momento da pesquisa bibliográfica, a revisão de literatura é uma ferramenta importante para otimização do trabalho de investigação, pois “[...] propicia ao pesquisador tomar conhecimento, em uma única fonte, do que ocorreu ou está ocorrendo periodicamente no campo estudado, podendo substituir a consulta a uma série

⁶ Ex secretária da Economia Criativa no Brasil em sua entrevista para o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. 2013. Disponível em <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/125/13712386891363042933.pdf>> Acesso em 10.02.2022

de outros trabalhos. [...]” (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 192).

De modo que a revisão de literatura permite encontrar pesquisas similares, informações e fontes úteis para a construção da resolução de problema, oferecendo também novos pontos de vistas, assim como ideias, e a possibilidade de comparação de resultados.

Moreira (2004, p. 24) ainda complementa sobre a pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é, como se vê, uma fase da revisão de literatura, assim como é fase inicial para diversos tipos de pesquisa. O ciclo começa com a determinação e delimitação do tema e segue com o levantamento e a pesquisa bibliográfica. A partir desta é que se organiza a revisão que, conforme descrito anteriormente, requer postura crítica, cotejo das diversas opiniões expressadas

Fora localizado conteúdos no Observatório da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, capazes de encorpar ao conteúdo, no intuito de responder o objetivo principal apresentado no trabalho. Esses trabalhos abordaram a economia criativa e inovação nas empresas em Porto Alegre, de forma a complementar a economia criativa como proposta de valor nos modelos de negócios, e uma estrutura sobre o mercado de trabalho na economia criativa, em uma metodologia de pesquisa qualitativa.

O período escolhido para realizar as análises foi baseado na intenção de verificar se ocorreram tendências positivas após a publicação do Plano de Economia Criativa no ano de 2011, comparando ano a ano até 2020, período diferenciado devido aos impactos da pandemia da COVID-19.

4.2 Base de dados

Para obter os resultados de análise do trabalho, foram utilizadas técnicas de análise de dados.

Inicialmente buscou-se contextualizar o mercado de trabalho no Estado do Rio Grande do Sul, essa mensuração foi realizada através dos dados publicados pelo IBGE, assim como suas definições para ocupados/desocupados, imprescindível para a compreensão do trabalho.

Com base no ponto exposto anteriormente, a partir dos trabalhos e planos de governos publicados, conseguiu-se estabelecer atividades dos

grupos CNAE considerados funções criativas. Portanto, foi utilizado as interpretações de atividades CNAE para visualizar os postos de trabalhos criativos. O DEE (2019, p. 2) complementa

Para a análise dos indicadores, realizou-se um agrupamento das atividades de acordo com as suas particularidades. Esse agrupamento se referencia no modelo da UNCTAD e orientou a aglutinação das atividades selecionadas em conjuntos maiores, de forma a tornar mais compreensível a análise dos dados. Esses grupos são: (1) patrimônio e culturas tradicionais; (2) artes visuais e performáticas; (3) publicação, editoração e mídia; (4) audiovisual; (5) arquitetura, design e moda; (6) tecnologias da informação e comunicação (TICs); (7) ensino de cultura; (8) publicidade; e (9) telecomunicações. É importante ressaltar que essa classificação em nove grupos foi feita a partir das classes da CNAE presentes no SIIC. Portanto, no grupo arquitetura, design e moda, por exemplo, não entram todas as atividades econômicas de arquitetura, design e moda, mas apenas aquelas que o IBGE classificou como sendo direta ou indiretamente culturais. A lista completa das classes da CNAE utilizadas e sua classificação por setores encontra-se no Apêndice

Tais dados foram retirados da RAIS. Onde, a princípio, foram observados os postos de trabalhos criativos de todos os municípios do Rio Grande do Sul.

Traçou-se então, um panorama das regiões do Rio grande do Sul, utilizando para este trabalho, o Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs), conforme o atlas são regiões de planejamento, no objetivo de promover o desenvolvimento regional harmônico e sustentável.

Os COREDEs foram criados em 1994, pela Lei nº 10.283, de 17 de outubro de 1994 e regulamentada pelo Decreto nº 35.764, de dezembro de 1994.

Conforme o estabelecido em lei, eles têm por objetivo: i) a promoção do desenvolvimento harmônico e sustentável; ii) a integração dos recursos e das ações do governo na região; iii) a melhoria de qualidade de vida da população; iv) a distribuição equitativa de riqueza produzida; v) o estímulo a permanência do homem na sua região, e por fim vi) a preservação e recuperação do meio ambiente.

4.3 Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi feita a partir de bases do governo. O IBGE apresentou leituras sistemáticas assim como series temporais que foram

capazes de contribuir para construir um panorama da economia brasileira para conseguir delimitar a economia do Rio Grande do Sul.

Neste interim, foram utilizados trabalhos pioneiros de mapeamento de economia e indústria criativa no País e Estado, através do FIRJAN.

O IBGE possibilitou a descrição de grupos CNAES utilizados para realizar o filtro do ano de 2011 a 2020 dos postos de trabalhos do Estado do Rio Grande do Sul.

A escolha das cidades mencionadas, assim como os COREDES foram a partir da participação mais efetiva no mercado de trabalho do Estado. Essa constatação foi feita com a base de setores criativos, e verificada em qual COREDE demonstrou melhor resultado, ao longo do capítulo 5 é especificado exatamente quais são os setores criativos utilizados para a mensuração deste dados.

5 MERCADO DE TRABALHO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Ao adentrar ao tema de mercado de trabalho e economia criativa, faz-se necessário compreender qual o contexto econômico do Estado. De maneira que, inicialmente, é criado um panorama geral do mesmo.

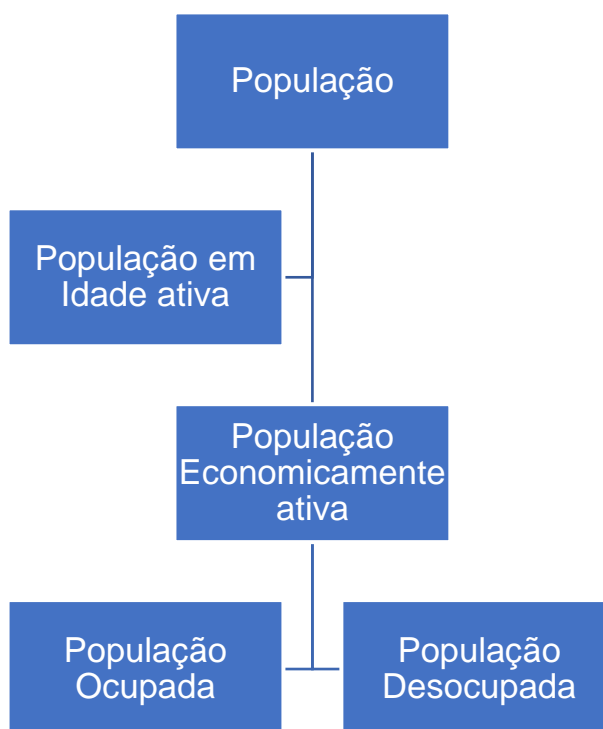
Publicado pelo Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, é apresentado um breve enquadramento econômico (2020, p. 5)

Particularmente críticos para a economia do RS foram os anos de 2015 e 2016, com quedas do Produto Interno Bruto (PIB) de 4,6% e 2,4% respectivamente (DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2019a). De 2017 a 2019, o RS evidenciou um processo de lenta recuperação da atividade econômica, com taxas de crescimento do PIB de 1,8%, 1,3% e 2,0% respectivamente. O mercado de trabalho gaúcho foi intensamente atingido pela recessão: a taxa de desocupação, cujo piso ocorreu no 4.º trim./2012, quando se situou em 4,3%, começou a elevar-se a partir de 2015, chegando a 9,1% no 1.º trim./2017 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019). Nessa mesma referência comparativa, o contingente de desocupados no Estado elevou-se de 249 mil para 557 mil pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019). Ao final do período de cobertura deste trabalho, a taxa de desocupação no RS havia-se reduzido parcialmente, para 7,1% no 4º trim./2019, e o contingente de desocupados, para 441 mil pessoas — em ambos os casos, portanto, os patamares ainda estavam muito superiores aos verificados em 2012.

Para adentrar mais ao tema, é necessário também, compreender termos utilizados para a subdivisão de pessoas com idade para trabalhar. Conforme o IBGE⁷, o desemprego, de forma sucinta se refere a pessoas com idade para trabalhar (isto é, acima de 14 anos) que não estão trabalhando.

O uso da PNAD Contínua é necessário para mostrar quantos desempregados há na região, e neste o termo “desemprego” é utilizado como “desocupação”.

Figura 2 - Termos de Emprego e Desemprego (2022)



Fonte: PNAD Contínua. IBGE.
Elaboração Própria, 2022.

No Rio Grande do Sul de acordo com os dados retirados do PNAD Contínua, consegue ser observado a participação da população do Rio Grande do Sul no mercado de trabalho do Estado.

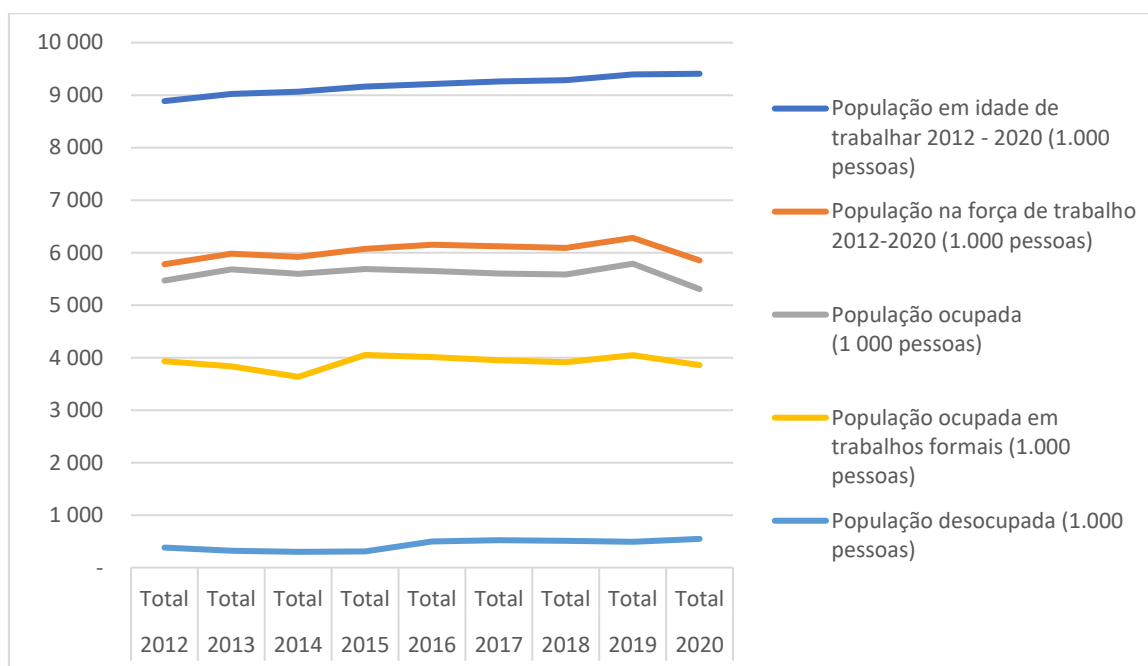
Para a profusão do tópico, com base no censo 2010 do IBGE, sabe-se que o Estado do Rio Grande do Sul tem um número estimado para 2021 de 11.466.630 milhões de pessoas⁸, onde 72,7% pessoas de 14 anos ou mais de idades, estão ocupadas, e uma taxa de desocupação de 9,4%.

⁷ IBGE Explica - <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

⁸ CENSO IBGE 2010 – expectativa populacional para o ano de 2021.

Iniciando a explicação com base no gráfico abaixo, observa-se a linha de população em idade para trabalhar, e como a linha de população na força de trabalho não acompanha este crescimento, acompanhando somente a linha de população ocupada⁹. É utilizado pela metodologia de amostragem o valor numérico que deve ser multiplicado por mil.

Figura 3- Indicadores estruturais do mercado de trabalho População em idade de trabalho 2012-2020 (1.000 pessoas)



PNAD Contínua. Elaboração própria, 2022.

Anterior ao período estudado, de acordo com o DEE (2017, p. 8), o Rio Grande do Sul acompanhou a evolução da dinâmica nacional de crescimento de empreendimentos considerados criativos. A princípio, visualizando os dados brutos, sem os apurar, é correto dizer que a população desocupada apontou um crescimento a partir de 2015. Para esta queda de participação, há uma explicação à nível global, o qual Mattei afirma (2018, p.2)

Contudo, com a emergência da crise econômica a partir de 2015, houve uma retração das atividades econômicas com efeitos diretos sobre o mercado de trabalho brasileiro, desfazendo-se a conjuntura favorável que predominou no período 2003-2014. Na essência, a expansão do déficit público; o descontrole do processo inflacionário derivado da pressão de

⁹ O nível de ocupação é obtido pela divisão do contingente de ocupados pela população em idade de trabalhar, que são as pessoas de 14 anos ou mais de idade. A taxa de participação na força de trabalho é a parcela relativa da População em Idade de Trabalho que está inserida como ocupada ou desocupada no mercado de trabalho.

custos e do movimento altistas durante o primeiro semestre de 2015 dos preços dos combustíveis, energia, água e transportes; a alta do Dólar que encareceu as importações e afetou os preços dos produtos exportáveis no mercado doméstico; a política de restrição do crédito; e a subida gradativa da taxa de juros Selic afetaram o desempenho da maioria das empresas.

Entende-se que esse declínio no Estado do Rio Grande do Sul é um reflexo do que ocorre externamente. Sendo também retradado na população em força de trabalho, que assim como na população ocupada, apresenta uma queda ainda mais acentuada de 2019 para 2020, período caracterizado pela pandemia da COVID-19.

Foi observado que a trajetória da taxa de desocupação no período de 2015-18 foi semelhante ao apresentado no Brasil. Esse cenário é importante conhecer para contextualizar qual a realidade ocupacional do Estado, considerando que a partir deste poderá ser avaliado a participação da criatividade nas atividades econômicas.

Além do mais, o Estado, concordante ao observado da queda de postos de trabalho afirma (2019)

Um aspecto importante revelado pelo estudo é que a economia criativa não ficou imune à recessão que o país enfrentou a partir de 2014. Houve uma sensível redução em empregos formais e em empresas neste período, porém o RS conseguiu manter, ao menos, um patamar muito próximo de 2009, quando o setor dava os primeiros passos de efetivo crescimento.

O Estado do Rio Grande do Sul, segundo a pesquisa publicada em 2019, aparece na quarta posição no ranking nacional de empregos formais. Dos quase 2 milhões de brasileiros com emprego formal na economia criativa, os gaúchos respondem por 6,5% (130.079 postos ao final de 2017), ficando atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (2019).

O DEE publicou, ainda um panorama sobre a taxa de desocupação do estado do Rio Grande do Sul (2019, p. 2)

A partir do ano de 2015, no contexto de uma severa crise econômica, a TD ingressou em uma trajetória claramente ascendente no RS, que se estendeu até o primeiro trimestre de 2017, quando atingiu o seu ponto máximo, 9,1%.

Com essas informações estabelecidas, recorre-se então saber qual a participação criativa dentro do mercado de trabalho. A dúvida permeia entre os

benefícios de uma economia com tendências criativas e sua capacidade de ascensão.

5.1 Panorama do mercado de trabalho dos setores criativos do Rio Grande do Sul

Compreendendo a estrutura o qual se encontra a população ativa e capaz de trabalhar, busca-se então delimitar os postos de trabalhos das atividades consideradas criativas. Traça-se então, um panorama das regiões do Rio grande do Sul, utilizando para este trabalho, os chamados Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs), a utilização deste proporciona uma maior abordagem amostral, considerando que serão selecionadas para este trabalho os COREDEs com maiores participações criativas.

Cabe a estes conselhos exercer o papel de relevância para as regiões, e para o Estado como um todo, de acordo com Plano Estratégico, devem contribuir e desempenhar um papel efetivo de suas atividades, sendo uma dessas, balizadora para a contribuição a este trabalho (2011, p. 11)

Produção e discussão de diagnósticos regionais, visando à elaboração dos Planos Estratégicos de Desenvolvimento Regionais e Estadual e suas respectivas alterações e atualizações, em colaboração com os órgãos estaduais, especialmente, os das áreas do planejamento e das relações institucionais, com as instituições de ensino superior e outras entidades públicas e privadas

É importante evidenciar que os COREDEs contribuem de maneira aos indicadores sociais da região ao qual se designa (2011, p. 31)

Pode-se arrolar entre eles, por exemplo, a continuidade, por mais de uma década, de procedimentos participativos para a definição de parcela dos investimentos estaduais, os quais incorporam mecanismos distributivos que destinam volume maior de recursos per capita para as regiões com piores indicadores sociais.

A mais recente proposta estratégica para o desenvolvimento regional do Estado do Rio Grande do Sul, para o período de 2019-2022 (2019, p. 11) também reporta interessantes observações de desenvolvimento, embora não sejam mencionadas como criativas.

Um plano estratégico é um documento que contemporiza diagnóstico, prognóstico e ações a serem implementadas, considerando aspectos econômicos, sociais, estruturais, ambientais, políticos, éticos, culturais, territoriais, entre outros.

Identificou aspectos internos positivos (fortalezas) e aspectos internos negativos (fraquezas), e, aspectos externos positivos (oportunidades) e aspectos externos negativos (ameaças).

Conforme o Governo do Estado do Rio grande do Sul afirma (2018, p.1)

A compreensão de que a abordagem da economia criativa tem um grande potencial em termos de formulação de políticas públicas para o desenvolvimento econômico e social do Rio Grande levou à criação, por parte do Governo do Estado, de um programa voltado para o estímulo aos setores criativos. O programa é coordenado pela Secretaria da Cultura, através da Diretoria de Artes e Economia Criativa, mas é concebido como um programa transversal de Governo. A Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão, através do Departamento de Economia e Estatística, estruturou uma equipe encarregada de realizar estudos e pesquisas sobre o tema, tanto para sistematizar um conjunto de indicadores que permitam um acompanhamento do programa, como para contribuir com a formulação de políticas públicas para o setor.

Em 2019, o projeto RS Criativo foi implantado pela Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e coordenado pela Diretoria de Artes e Economia Criativa, atuando na promoção do desenvolvimento socioeconômico sustentável, e integrado do estado por meio do fortalecimento de cadeias e arranjos produtivos relacionados à economia criativa, partindo de cinco pilares: capacitação, mercado e circulação, promoção e investimento, pesquisas e território criativo.¹⁰

Com isso, desde sua criação, mais de seis mil pessoas já receberam capacitações através de cursos, oficinas e workshops, mesmo durante o contexto de pandemia, no qual ocorreram encontros *online*, que inclusive, ampliaram o alcance do programa.

Na construção do trabalho realizado pelo DEE do estado do Rio Grande do Sul, para compreender as potencialidades da economia criativa, a situa dentro do mercado de trabalho nacional (2018, p.8)

No Brasil, o setor da economia criativa vinha apresentando um crescimento constante na primeira década do século XXI. Conforme se pode constatar no Gráfico 5, entre 2006 e 2010, o número de empreendimentos cresceu 12%. A partir de 2010, esse número estabilizou-se em torno de 390.000 empreendimentos, passando a cair de forma significativa a partir da crise econômica que se instalou no País. Entre 2013 e 2017, a queda do número de empreendimentos em economia

¹⁰ Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em < <https://cultura.rs.gov.br/o-programa>>. Acesso em 02. Jan 2022.

criativa foi de 14%. Ao final de todo o período, o número de empreendimentos era 4% menor do que no início da série.

A distribuição de empregos criativos se deu de acordo com a tabela 6. A escolha dos segmentos é baseada na metodologia sistemática de estudo na área (2019, p. 2)

É importante ressaltar que essa classificação em nove grupos foi feita a partir das classes da CNAE presentes no SIIC. Portanto, no grupo arquitetura, design e moda, por exemplo, não entram todas as atividades econômicas de arquitetura, design e moda, mas apenas aquelas que o IBGE classificou como sendo direta ou indiretamente culturais

Tabela 5 - Áreas e Segmentos criativos

SEGMENTOS
Indústria de Transformação
Fabricação de produtos têxteis
Preparação de Couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados.
Impressão e reprodução de gravações
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos
Fabricação de produtos diversos
Informação e Comunicação
Edição e edição integrada à impressão
Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão.
Comércio
Comércio atacadista de equipamentos e produtos de tecnologias de informação e comunicação
Comércio varejista de equipamentos de informática e comunicação.
Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos
Telecomunicações
Atividades dos serviços de tecnologia da informação
Atividades de prestação de serviços de informação
Atividades profissionais, científicas e técnicas
Serviços de Arquitetura e engenharia
Outras atividades profissionais, científicas e técnicas
Artes, cultura, esporte e recreação
Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental
Atividades esportivas e de recreação e lazer

Fonte: SPGG, 2019. Elaboração própria, 2022.

De acordo com a CNAE, o grupo da área de Tecnologia da Informação e Comunicação, engloba grandes serviços com expectativas de crescimento, esse grupo compreende um apoio a configuração de equipamentos, instalação de produtos informáticos, assim como configuração de equipamentos, *help-desk*, e a manutenção de todas as instalações.

No que se refere as atividades de arquitetura, design e moda, estão no grupo inserido em atividades profissionais, científicas e técnicas. Essa referida

seção integra a confecção de maquetes (exceto para engenharia e arquitetura), desenho de roupas, desenho industrial, design de joias, design de mobiliário, assim como de móveis, objetos domésticos e pessoais.

Quanto aos serviços de telecomunicações (CNAE, 2022)

As atividades de operação de centrais de comutação e meios de comunicação para promover a transmissão de voz e de outros sinais, destinadas à comunicação entre pontos fixos determinados, utilizando processos de telefonia. Estão incluídos nessa categoria os serviços de telefonia fixa comutada.

Com os segmentos criativos delimitados, entre as bases disponíveis utiliza-se o DEE Dados, que mensura o número de vínculos empregatícios formais das atividades econômicas no Rio Grande do Sul.

A RAIS também é utilizado, pois, de acordo com este é possível mensurar os postos de trabalhos, assim como a sua evolução utilizando a opção de divisão dos grupos da CNAE que, em concordância com o aprofundamento do estudo aqui realizado e ao trabalho publicado pelo governo, caracterizam-se como criativas.

5.2 Mapa dos setores criativos no mercado de trabalho no Estado do Rio Grande do Sul sob ótica da indústria criativa

Uma análise por COREDEs facilita a visualização da evolução do número de postos de empregos criados através da economia criativa. Foi utilizado como base, para a escolha das regiões, as mais participativas em vínculos empregatícios do segmento criativo.

A economia criativa, tratando-se de um tema ainda em crescimento, requer que as análises sejam feitas de maneira particular a cada uma das regiões, ainda como mencionado no planejamento estratégico do governo do estado do Rio Grande do Sul aponta-se a diferença em planejamento através da característica de cada localidade. De acordo com as propostas estabelecidas para o desenvolvimento regional do Estado (2019, p. 17)

O conjunto de projetos apresentados são os priorizados pelas nove regiões funcionais do Estado. São resultado de discussão nas regiões e entre as regiões envolvidas em cada uma das funcionais. No entanto, cada uma das 28 regiões possui um conjunto de inúmeros projetos que atendem as necessidades e

compreendem as potencialidades regionais, para os próximos 15 anos.

Em concordância com essa ideia, são escolhidos 10 COREDEs com resultados mais participativos, considerando que com estes, poderá ser analisado seus aspectos criativos. A RAIS foi responsável por transpor todas as informações, sendo que assim, a tabela 7 retrata qual a representatividade dos 10 COREDEs em relação a todas as regiões.

Tabela 6 - Participação dos Empregos Criativos no Rio Grande do Sul (2011 - 2020)

ANO	Empregos criativos do RS	Empregos criativos concentrados nos 10 principais COREDEs	Taxa de participação dos 10 principais COREDEs
2011	297.448	262.127	88,12%
2012	299.462	264.676	88,38%
2013	299.899	263.732	87,94%
2014	298.572	261.250	87,49%
2015	282.092	245.325	86,96%
2016	277.154	241.194	87,02%
2017	273.830	237.478	86,72%
2018	272.879	237.407	87,00%
2019	268.257	233.799	87,15%
2020	246.023	212.846	86,51%

Fonte: RAIS. Elaboração própria, 2022.

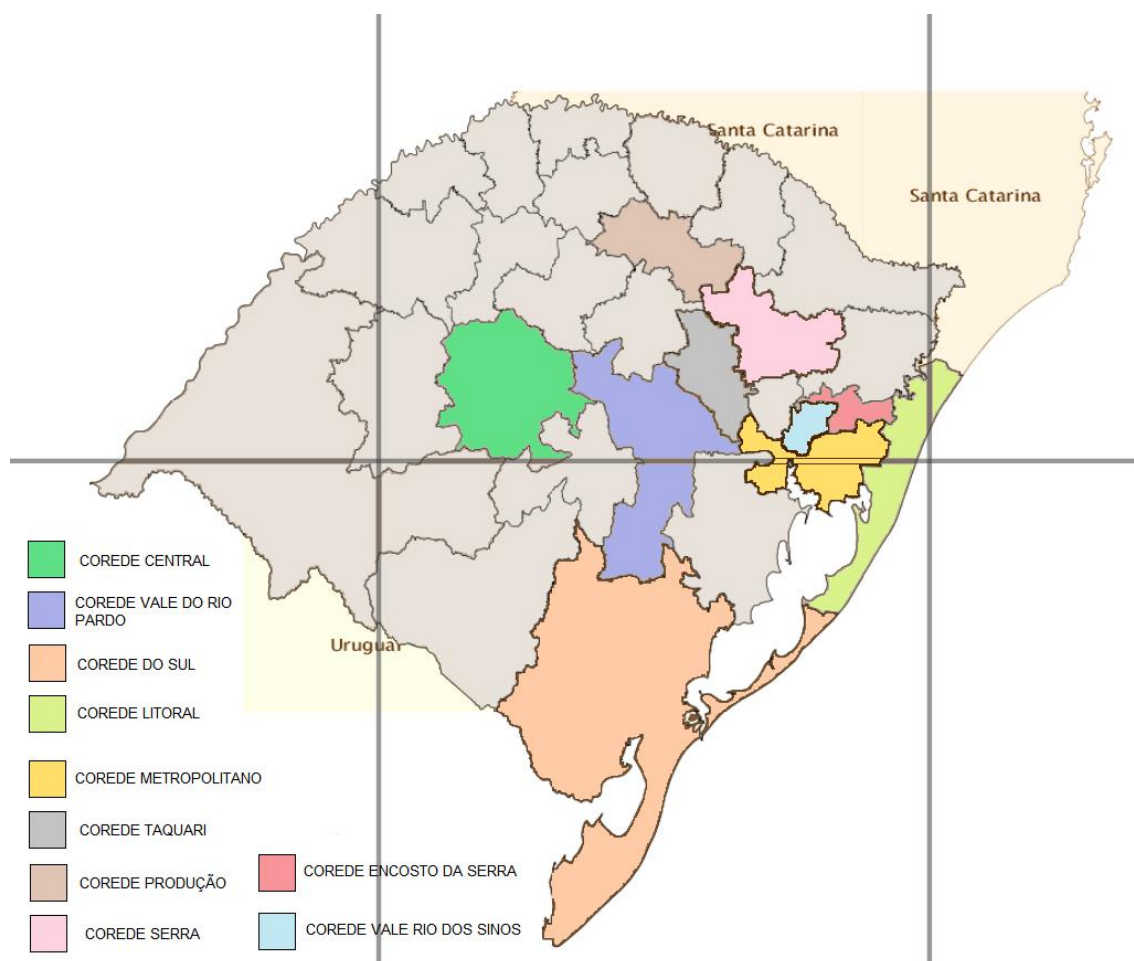
Constata-se através da visualização de dados a queda da representatividade da economia criativa ao longo do período estudado. Mesmo que, de acordo com as publicações do DEE, são feito projetos que buscam fortalecer a economia regional, independente do contexto econômico. Afinal, é função do governo propor estruturas de desenvolvimento para as regiões, assim como viabilizar que essas transformações venham a ocorrer.

Na função de complementar e facilitar a visualização das escolhas, demonstra-se no mapa a seguir a média da participação de todos as regiões em relação a vínculos criativos.

O mapa abaixo segrega em 4 momentos a média da participação dos segmentos criativos nos COREDES disponibilizados pela RAIS. Na maneira que torna mais fácil a percepção sobre cada região, para a conferência dos dados, basta consultar o anexo A.

O mapa da figura 5 é selecionado pelos COREDES cujo possuem maiores participações nos segmentos criativos. Utilizando em conjunto as informações coletadas na tabela 7 que demonstram como a participação dos 10 COREDE chegam à uma média de 87,32% no período de 2021-2020.

Figura 5 - COREDEs com maior participação criativa (2020)



Elaboração própria, 2022.

Acoplado a importância do COREDEs é saber quais cidades as compõe.

Figura 6 - COREDEs e cidades (2020)

COREDEs	Cidades
Metropolitano Delta do Jacuí	Alvorada, Cachoeirinha, Eldorado do Sul, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Triunfo e Viamão.
Vale do Rio dos Sinos	Araricá, Nova Hartz, Ivoí, Nova Santa Rita, Dois Irmãos, Portão, Estância Velha, Campo Bom, Sapiranga, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas
Serra	Antônio Prado, Nova Bassano, Bento Gonçalves, Nova Pádua, Boa Vista do Sul, Nova Prata, Carlos Barbosa, Nova Roma do Sul, Caxias do Sul, Paraí, Coronel Pilar, Pinto Bandeira, Cotiporã, Protásio Alves, Fagundes Varela, Santa Tereza, Farroupilha, São Jorge, Flores da Cunha, São Marcos, Garibaldi, São Valentim do Sul, Guabiju, Serafina Corrêa, Guaporé, União da Serra, Montauri, Veranópolis, Monte Belo do Sul, Vila Flores, Nova Araça e Vista Alegre do Prata
Produção	Coqueiros do Sul, Almirante Tamandaré do Sul, Ciríaco, Gentil, Coxilha, Santo Antônio do Palma, Pontão, David Canabarro, Santo Antônio do Planalto, Ernestina, Mato Castelhano, Vila Maria, Casca, Muliterno, Carazinho, São Domingos do Sul, Camargo, Vanini, Passo Fundo, Nova Alvorada e Marau.
Sul	Amaral Ferrador, Arroio do Padre, Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Chui, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Tavares e Turuçu.
Vale Taquari	Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Brésia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Tabai, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Correa, Westfália e Sério.
Central	Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Jari, Júlio de Castilhos, Nova Palma, Pinhal Grande, Quevedos, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, Silveira Martins, Toropi e Tupanciretã.
PAR. Encosta da Serra	Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas
Litoral	Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Capivari do Sul, Caraá, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Imbé, Itati, Mampituba, Maquiné, Morrinhos do Sul, Mostardas, Osório, Palmares do Sul, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Três Cachoeiras, Três Forquilhas e Xangri-lá.
Vale do Rio Pardo	Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Pantano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

Fonte: Secretaria de Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional.

A tabela 8 demonstra a média de participação em vínculos criativos, do ano de 2011 até 2020. Com essa tabela, observa-se os 10 principais COREDES.

Tabela 7 - Média de Empregos Criativos COREDEs (2011 - 2020)

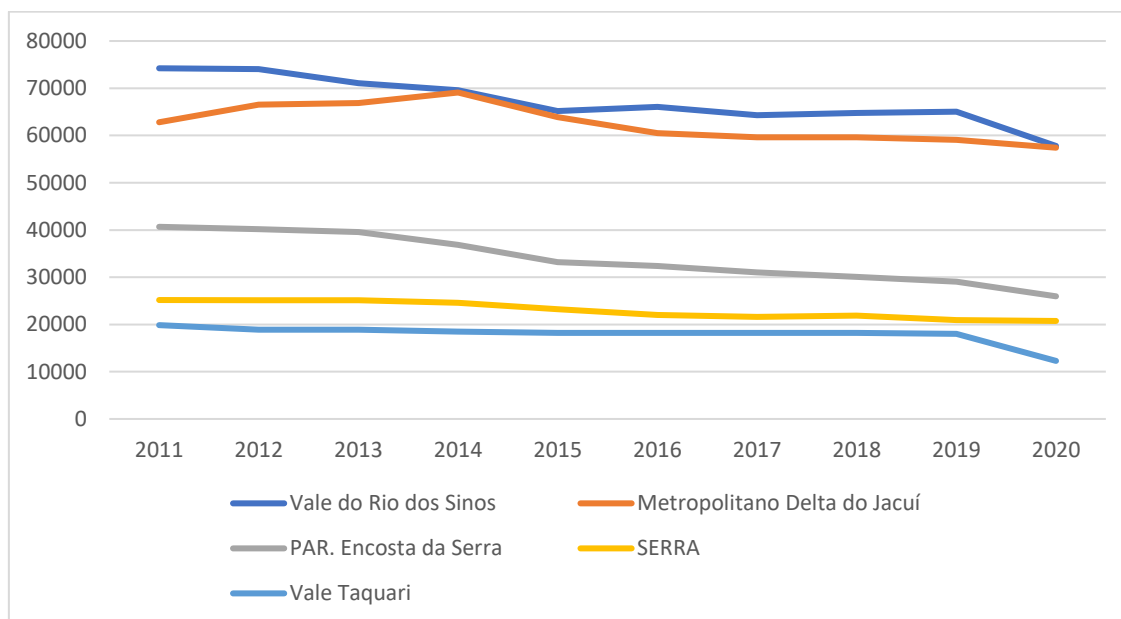
COREDES	MEDIA 2011-2020
Vale do Rio dos Sinos	67.216
Metropolitano Delta do Jacuí	62.549,70
PAR. Encosta da Serra	33.900,20
Serra	23.034,10
Vale Taquari	17.934,60
Produção	9.347,70
Central	9.048,30
Litoral	8.350,30
Vale do Rio Pardo	7.353,40
Sul	7.249,10

Fonte: Rais. Elaboração própria, 2022.

Essa participação exibida ao longo do período estudado é apresentada em forma de gráfico, assim, é mais visível a alteração que se ocorreu durante os anos, não considerando a média de todos os anos.

Para que a perceptibilidade e a compreensão do gráfico seja efetiva, em que ele foi dividido em dois, assim é possível observar a evolução que ocorreu ao longo dos anos.

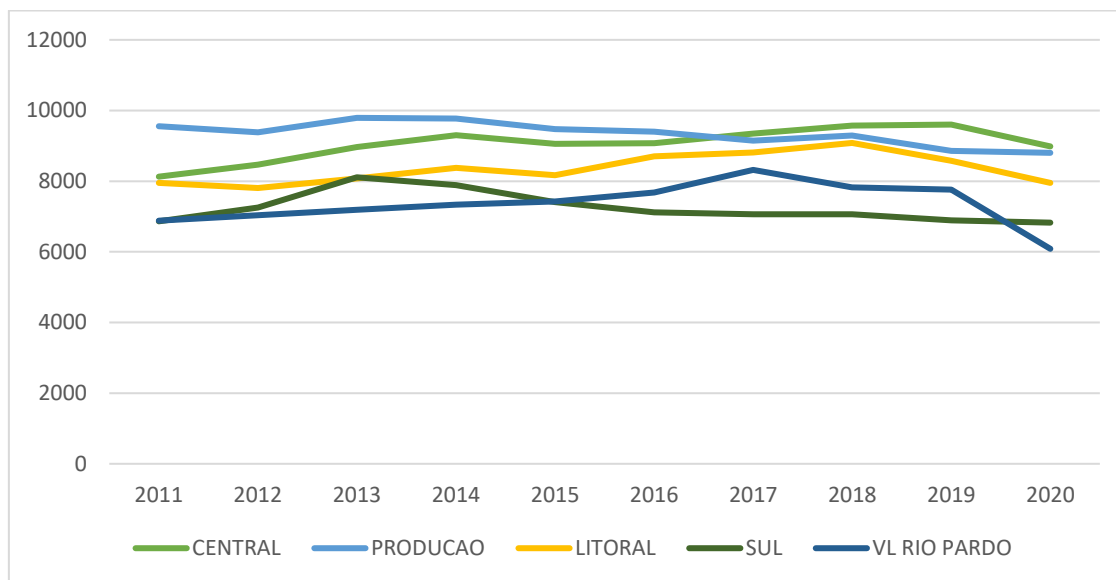
Figura 7 - Evolução dos postos de trabalhos criativos por COREDEs 2011-2020



Fonte: RAIS. Elaboração própria, 2022.

Na figura 7 apresenta-se a evolução dos postos de trabalhos considerados criativos pelos COREDES: i) Vale do Rio dos Sinos; ii) Metropolitano Delta do Jacuí; iii) Paranhana Encosta da Serra; iv) Serra, e v) Vale taquari.

Figura 8 - Evolução dos postos de trabalhos criativos por COREDEs 2011-2020



Fonte: RAIS. Elaboração própria, 2022.

A figura 8 segue o mesmo padrão de evolução de postos de trabalhos, sendo colocados de maneira isoladas devido a desproporcionalidade exponencial de postos de trabalho, ficando assim, mais claro a evolução dos 10 COREDE. Os COREDE selecionados na sequência: i) Central, ii) Produção, iii) Litoral, iv) Sul e v) Vale do Rio Pardo.

De modo que observa-se uma similaridade entre algumas regiões, mas ainda, para embasar a avaliação feita através dos dados, é interessante agregar maiores informações, observando a seguir, os empreendimentos considerados criativos, assim como os segmentos criativos que mais despontam entre os COREDEs.

No plano estratégico de desenvolvimento dos COREDE é observado o seguinte (2019, p. 13)

Canclini (1999) e Minc (2005) enfatizam que, para um modelo de desenvolvimento poder ser considerado harmônico e sustentável, exige-se que ocorram “mudanças radicais na consciência da sociedade” (MINC, 2005, p. 147). Quando esta perceber a inter-relação entre os diversos meios: sociais, econômicos, ambientais, políticos e éticos, conscientizar-se que por meio da atuação do cidadão, da percepção do cidadão

inserido nesta sociedade, como precursor das mudanças, poderá haver desenvolvimento regional.

Ao longo do plano é observado um traço criativo nas ações públicas, onde mesmo na área da educação, onde menciona-se como a criatividade deve estar atrelada ao desenvolvimento de ideias capazes de prospectar melhores resultados, sejam elas onde quer que se aplique, como exemplificado abaixo (2019, p. 65).

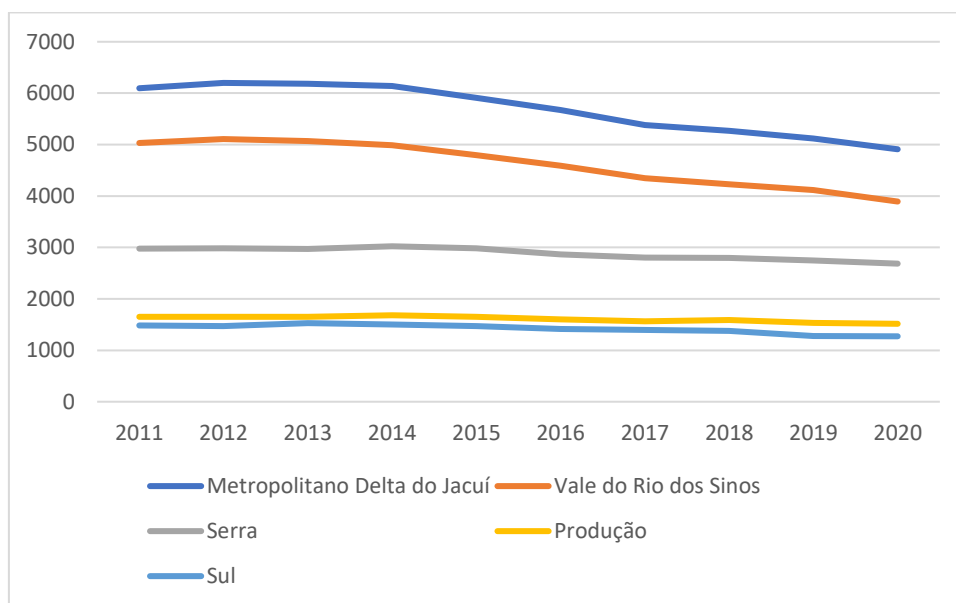
Sem a possibilidade da realização dos investimentos, mínimos necessários, o grande desafio dos gestores públicos será o de buscar fazer o máximo com o mínimo que possuem. Para isso, não resta dúvida de que será necessário aliar criatividade e vontade política. Em geral, alguns estudos têm apontado ineficiência das gestões em educação. Uma gestão responsável e comprometida com o desenvolvimento poderá buscar parcerias com os mais variados setores, objetivando a construção coletiva de uma política educacional democrática.

Ao trabalhar com os COREDEs é possível observar com maior amplitude como a economia criativa se incorpora ao Estado, de maneira que dentro das regiões escolhidas encontram-se 210 das 497 cidades existentes no Estado, e dentre essas concentra-se a média de 87% em participação de empregos criativos. Acrescentando ao trabalho, observa-se também a potencialidade de políticas de crescimento respeitando a individualidade das regiões (2019, p. 14)

Trata-se de respeitar os valores de cada região, propor a alteração dos papéis do Estado e da sociedade organizada e transformar a democracia participativa em participante, respeitando as diversidades socioculturais, isto tudo poderá promover a cultura democrática e participação cidadã, na construção do capital social.

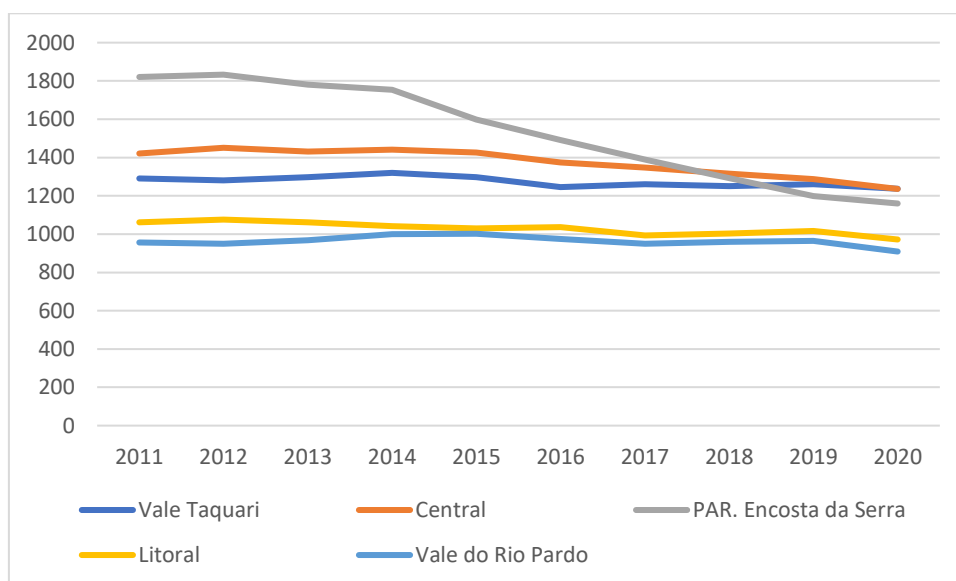
A seguir, o gráfico 9 demonstra a evolução de postos criativos das regiões, despontando uma queda desde 2015. Esse apontamento decrescente vem sendo observado pelos planos estratégicos do COREDE, que buscam intervir nesse declínio.

Figura 9 - Número de estabelecimentos criativos COREDEs (2011-2020)



Fonte: RAIS. Elaboração própria, 2022.

Figura 10 - Número de estabelecimentos criativos COREDEs (2011 - 2020)



Fonte: RAIS. Elaboração própria, 2022.

O trabalho apresentou uma sequência de crescimento em número de postos de trabalhos, “sendo que o crescimento foi constante entre 2006 e 2013, quando os postos de trabalho na economia criativa aumentaram 30,5%” (DEE, 2018, p. 8).

No período entre 2010 e 2013, quando o número de empreendimentos parou de crescer, a geração de postos de trabalho seguiu acontecendo, revelando que o potencial de geração de empregos da economia criativa é significativo, uma vez que o crescimento dos empreendimentos se materializa em

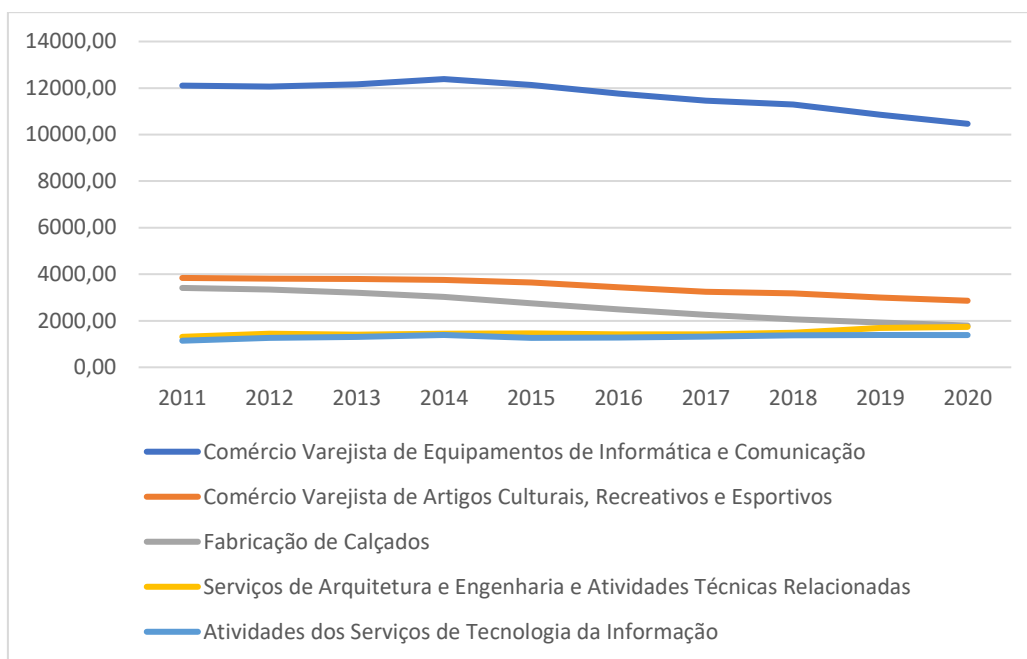
um crescimento ainda maior na força de trabalho. Isso indica uma concentração do mercado em um número menor de empresas. Já a queda entre 2013 e 2017 foi de 11,5%, menor do que a queda dos empreendimentos. Como resultado, ao final da série, o número de postos de trabalho em 2017 ainda era 15% maior do que em 2006.

O mapeamento do FIRJAN, realizado em 2018, utilizou-se da prisma dos profissionais, considerando que o estado representa o quinto maior mercado de trabalho do país. Essa percepção baseada em dados, demonstra claramente uma queda no número de participação criativa na economia, contudo, esse declínio é observado a todo Estado do Rio Grande do Sul, assim como a nível nacional, concebendo que no ano de 2014-2015 enfrentava-se uma recessão econômica, onde quando iniciado processo de recuperação, a pandemia da COVID-19 interferiu.

Ao longo do contexto pandêmico, iniciado em 2019, o método de trabalho sofreu uma alteração. O modelo híbrido se instalou como a nova realidade mundial, tanto atividades profissionais quanto acadêmicas neste modelo refletiram o encerramento de atividades, gerando uma nova crescente em número de desocupados. Como por exemplo, visita a museus, a eventos de teatro e cinema, assim como shows musicais.

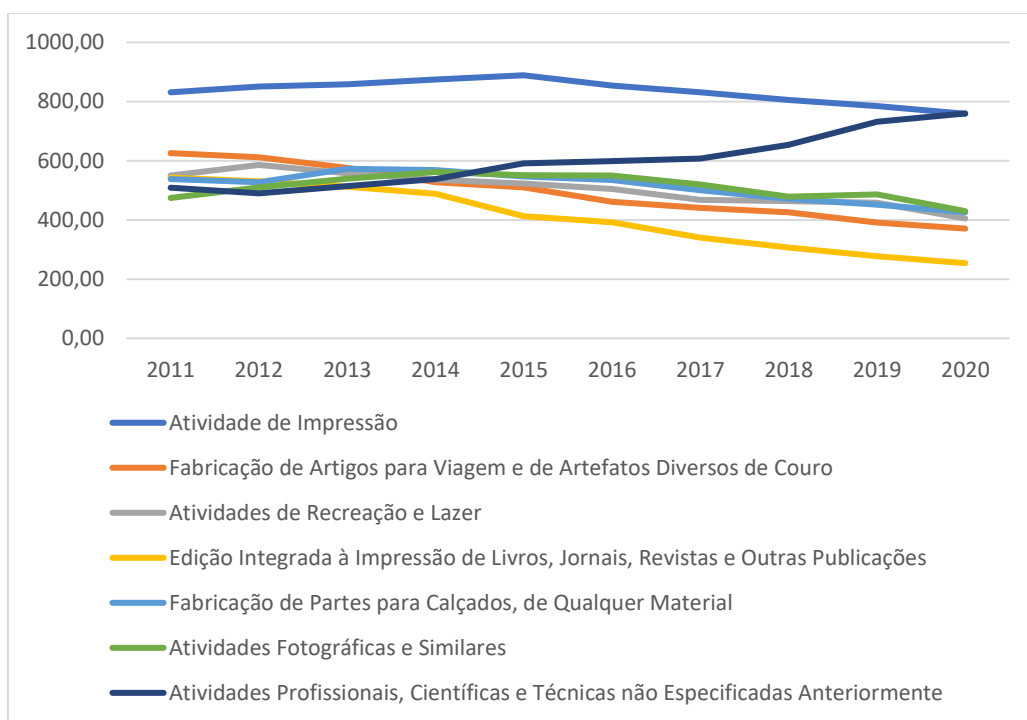
Abaixo, separado por dois gráficos, visualiza-se os setores criativos das regiões dos COREDEs mais populares, ou seja, os setores que mais possuem estabelecimentos.

Figura 11 - Setores com maior número de estabelecimento criativos nos COREDES selecionados (2011-2020)



Fonte: RAIS. Elaboração Própria, 2022.

Figura 12 - Setores com maior número de estabelecimento criativos nos COREDES selecionados (2011-2020)



Fonte: RAIS. Elaboração Própria, 2022.

É perceptível a similaridade entre os segmentos com maiores números de estabelecimentos dos COREDEs, e como vem apresentando uma queda. Esta identificação é feita a nível estadual, concordante a isso, publicado pelo

SPGG reforça como as políticas de inovação são iniciativas importantes para o desenvolvimento das regiões. O plano estratégico de desenvolvimento, reporta o seguinte (2019, p. 17)

Os projetos que preveem a governança do desenvolvimento equivalem a um montante de recursos de R\$ 330 milhões. São projetos de governança regional, marketing e promoção regional, ações para o desenvolvimento local e reorganização dos órgãos regionais. Por fim, nos projetos prioritários das regiões funcionais, foi identificado somente 1 projeto de artesanato para inclusão social, com estimativa de R\$ 65 mil.

O relatório ainda traz a dificuldade da economia do Rio Grande do Sul em se estabilizar, e ainda atenta a queda de participação do PIB Nacional, cujo no período de 2002-2011 caiu de 7,2% para 6,4% (2019, p. 18).

Mesmo que as causas sejam as mais diversas, não há dúvidas em apontar que uma das mais importantes é a diminuição dos investimentos públicos em infraestrutura. A já histórica dificuldade financeira do Estado é um entrave que dificulta novas obras em estradas, ferrovias, hidrovias e aeroportos. Porém, cruzar os braços e aceitar esta condição não vai ajudar o Rio Grande do Sul a superar a crise. Ainda mais em um cenário brasileiro que também vem registrando um processo de desinvestimento.

De acordo com o perfil social do COREDE Metropolitano Delta Jacuí (2015, p. 33)

O COREDE apresenta a maior concentração de empregos de média-alta e alta tecnologia da indústria de transformação do Estado. Além disso, possui alguns dos mais importantes centros de pesquisa e universidades. Também conta com um número importante de incubadoras, com empresas potencialmente inovadoras. No entanto, possui apenas um parque tecnológico consolidado, embora existam outros dois consolidados em municípios próximos – São Leopoldo e Campo Bom.

A proposta está de acordo ao incentivo dos polos tecnológicos da região, e a multiplicação das incubadoras tecnológicas dentro das universidades. E observa-se através dos gráficos, que mesmo em queda de postos criativos, permanece-se como destaque de ofertas de empregos.

Concordante ao trabalho do DEE (2015, p. 21)

Porto Alegre, por ser a maior cidade e centro econômico e cultural do Estado, possui forte presença em todos os setores criativos, com diferencial na sua participação em publicidade. As outras grandes cidades do Estado possuem, em sua

maioria, maior número de empregos no setor das tecnologias da informação e comunicação, devido ao seu tamanho como maior setor da economia criativa, mas também possuem peculiaridades por cidade no quesito do seu setor em destaque.

O mapeamento realizado pela FIRJAN, reforça (2018, p. 4)

A área de Tecnologia é responsável por 33,3% das vagas criativas gaúchas, com predominância dos segmentos de TIC (18,4%) e Pesquisa & Desenvolvimento (12,2%). Na comparação com 2015, TIC (-2,5%) teve desempenho superior ao do total do mercado de trabalho gaúcho (-3,4%). E essa resiliência se alinha ao novo cenário difusão de dados e se justifica pelo comportamento dos Gerentes de TI e Programadores, profissões que foram menos impactadas do que o total do mercado.

A compreensão dos segmentos criativos é feito através da avaliação do perfil socioeconômico dos 10 COREDEs caracterizadas como criativas no Rio Grande do Sul. Incrementando às

O COREDE do Vale do Rio Pardo (2015, p. 14), apresentou, de acordo com seu perfil o seguinte

No que se refere aos setores que compõem o Valor Adicionado Bruto (VAB) do COREDE, a Agropecuária era responsável por apenas 0,3%; a Indústria, por 27,8%; e os Serviços, por 71,9%. Esses dados indicam uma participação maior da Indústria e dos Serviços e consideravelmente menor da Agropecuária em relação à média estadual.

O perfil regional ainda reforça o potencial crescimento na área industrial devido ao extravasamento da Indústria de Porto Alegre em direção a áreas periféricas. A iniciativa marcada para a região, capaz de fomentar a economia criativa deste COREDE trata-se do fomento a multimodalidade de transportes, de acordo com o perfil social (2015, p. 39)

A prevalência do uso do modal rodoviário se reflete no crescente estrangulamento da circulação de mercadorias e de pessoas, principalmente ao longo do eixo Porto Alegre-Novo Hamburgo, inclusive após os melhoramentos dos acessos como a duplicação da BR-116 e implantação da RS-448. O potencial dos modais ferroviário, fluvial e aeroviário de mercadorias é pouco explorado e contribui para frear o desenvolvimento da economia da Região e do Estado como um todo.

A avaliação é feita considerando o contexto econômico, assim como as políticas de desenvolvimento estabelecidas para fortalecer a economia, sem

necessariamente ser as indústrias de setores criativos, mas abrangendo a todas e conseqüentemente impactando estas. “Porto Alegre, por ser a maior cidade e centro econômico e cultural do Estado, possui forte presença em todos os setores criativos, com diferencial na sua participação em publicidade” (2019, p.21).

O perfil socioeconômico do COREDE Produção, demonstra como a agropecuária do setor é fundamental para a sua economia, nessa mesma região vem-se prospectando melhores resultados escolares, a fim de evitar a evasão de pessoas para regiões com índices melhores de aprovação, perdendo assim, uma mão de obra criativa possivelmente apta para aplicar seus conhecimentos nessa região. A qualificação dessa rede pode melhorar as condições de vida da população, evitando que a mesma se desloque para a capital do Estado. (2015, p. 28)

Ademais, ainda nessa região, reforça-se a melhoria na infraestrutura de transportes, podendo assim, ser desvio de caminho para outros veículos, e acessos industriais, imprescindível para a economia agrícola

Conclusão dos acessos asfálticos dos municípios. Manutenção e ampliação da capacidade das rodovias são fundamentais para a Região. Incentivo à multimodalidade por meio de ampliação do modal ferroviário e aeroviário.

O COREDE Sul, penúltimo na lista dos selecionados com maiores geração de postos de trabalhos, destaca-se com os segmentos de Indústria e Serviços. Pelotas e Rio Grande, cidades do COREDE Sul, representam a maior aglomeração urbana da região, sendo que Pelotas inclusive, aparece entre as cidades com maior participação de postos de trabalho na economia criativa no Estado do Rio Grande do Sul.

Desta região, observa-se o potencial de crescimento para atividades de Tecnologia e informação e comunicação.

O COREDE, embora ainda possua poucas empresas ligadas às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), apresenta inúmeras potencialidades no setor. Além de possuir grande densidade de universidades e grupos de pesquisa ligados ao setor, também conta com incubadoras tecnológicas, um polo tecnológico e um APL ligados a segmentos de alta tecnologia. O fato de ter universidades, um Centro de Educação Tecnológico (CEFET-RS) e uma unidade da EMBRAPA, já lhe confere uma estrutura de informação e conhecimento capaz de fornecer o capital humano para apoiar

essa estratégia. Hoje, a Região é uma exportadora líquida de mão de obra qualificada. Uma vez que se tenha um ambiente favorável, esses recursos humanos poderão fixar-se na cidade e na Região. (Perfil Sul, 2015, p. 39)

De maneira que, nesse segmento, a proposta é desenvolver o setor terciário, com construção de núcleos de atividades ligadas as áreas superiores, podendo suprir e potencializar o crescimento da área TIC na região.

O COREDE Vale do Taquari, dentre as ocupações e empresas ligadas ao setor criativo manteve-se em uma sequência muito similar entre os anos que se analisaram, com grande potencial nos segmentos de indústria e serviços, assim como na agropecuária. Esse perfil, agrega de maneira singular ao trabalho, considerando o histórico social a qual se tem sobre a agricultura familiar

A base cultural étnica diversificada criou um patrimônio arquitetônico, gastronômico e cultural que, aliado aos recursos naturais, permite a criação de atividades regionais voltadas a nichos de mercado em turismo regional, alimentos diferenciados e pedras preciosas, articulados com a base agropecuária. (Perfil Vale do Taquari, 2015, p. 37).

Os perfil considerados para o trabalho, todos, apresentaram potenciais criativos, assim como em toda economia do estado, e na verdade a mesma só poderá ser despontada com a participação mais efetiva das políticas públicas na região, que vem sendo construídas, contudo, fatores externam contribuem para o atraso deste desenvolvimento, que sim, tem potencial.

5.3 Análise de Resultados

A coleta dos dados refletem uma instabilidade em relação ao mercado de trabalho do Estado do Rio Grande do Sul. Esse resultado não tem exatamente uma ligação com políticas públicas não realizadas para o fortalecimento da economia criativa na região, mas sim, pelos fatores globais cujo fortemente exercem suas influências.

As quedas representadas a partir de 2015, com as observações já apresentadas, reforça-se no Boletim do mercado de trabalho (2015, p. 7)

Em termos agregados, os principais indicadores do mercado de trabalho brasileiro apontam um quadro preocupante. Tanto a taxa de desemprego quanto a taxa de informalidade registram crescimentos expressivos no primeiro semestre de 2015. Em particular a taxa de desemprego foi pressionada não só por um

aumento na participação como também por uma queda no nível de ocupação. Ou seja, do ponto de vista quantitativo, a geração de postos de trabalho diminuiu em meio a um ingresso mais intenso de trabalhadores no mercado. Além disso, pode-se dizer que a qualidade dos postos tem piorado nos últimos meses, ao menos nas dimensões captadas pela informalidade e pelo rendimento do trabalho.

No Plano de Estratégia de desenvolvimento dos COREDEs, é apresentado uma estratégia de desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (ENCTI) 2016-2022, no intuito de promover a implementação de políticas públicas, de médio prazo tanto para o Brasil, quanto estados e municípios.

Dos setores estratégicos o qual se designa essas políticas, considera-se criativas: economia e sociedade digital, ciência e tecnologias sociais, tecnologia da informação e comunicação (2019, p. 24)

Associar o desenvolvimento estadual às oportunidades geradas no âmbito da ENCTI pode constituir uma estratégia relevante para a geração de empreendimentos inovadores no RS, tendo a pesquisa como definitiva para a inovação e, portanto, conectada aos pesquisadores vinculados às universidades e institutos /instituições de pesquisa ou empresas. Assim, a presença de pesquisadores com doutorado e mestrado, e a existência de IES nas regiões dos Coredes pode ser um indicador valioso para o avanço das diversas áreas do setor produtivo

De maneira que se potencializa as aplicações em desenvolvimento em atividades criativas. Destaca-se as incubadoras de base tecnológica, sendo 13 parques vinculados a universidades, de acordo com o Governo do Estado em 2019, sendo a Tecnopuc e Tecnosinos como os mais importantes, tanto do Estado quanto a nível nacional (2019, p. 26)

Aceleradoras; Espaços de Coworking; Startups e Programas de Aceleração. A Aliança para Inovação, criada pela PUC, Unisinos e UFRGS, cujo objetivo é transformar Porto Alegre num centro para produção de conhecimento, tecnologia e inovação para potencializar conexões locais, nacionais e internacionais, atraindo novos investimentos e retendo talentos.

Destaca-se também o projeto gaúcho dos 25 polos tecnológicos instalados na região do RS, buscando estimular e apoiar os centros de pesquisas e setor produtivos da região. Os mesmos atuaram com foco nos seguintes segmentos (2019, p. 26)

Atuaram com foco no desenvolvimento de tecnologias inovadoras, adequadas às diferentes vocações produtivas, constituindo-se em instrumentos viabilizadores da ampliação de competitividade da economia estadual. Os Polos concentram as seguintes áreas do conhecimento: (1) Agroindústria, Agropecuária, Alimentos, Pesca e Aquicultura, Biotecnologia em Agropecuária e Engenharia Florestal; (2) Meio Ambiente, Biotecnologia, Energia, Telecomunicações e Combustíveis Renováveis; (3) Engenharia, Materiais, Carboquímica e Mineração, Cerâmica, Engenharia Química, Engenharia de Produção, Nanoestruturas Metálicas e Semicondutoras; (4) Tecnologia da Informação, Automação, Eletroeletrônica e Mecatrônica; (5) Design, Couro e Calçados, Móveis, Turismo, Têxtil, Pedras, Gemas e Joias; (6) Desenvolvimento e Modernização Industrial; (7) Metalmeccânico; (8) Saúde.

Sendo, dentre estes: i) telecomunicações, ii) design, couro e calçados, iii) desenvolvimento de modernização industrial (2019, p. 27).

Todas as iniciativas descritas constituíram em oportunidades para a inovação e o empreendedorismo, talvez sem alcançar os resultados desejados, porém condizente com a urgente necessidade de complementar a matriz produtiva tradicional do Rio Grande do Sul

No contexto estabelecido de desafios para os COREDEs, compreende-se que foi traçados objetivos essenciais de desenvolvimento (2019, p. 28).

- Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação - Aprofundar as relações entre a academia, o setor produtivo e as áreas sociais a partir da chamada “Hélice Quadrupla” com foco nos objetivos regionais de desenvolvimento.
- Política Produtiva, Tecnológica e de Comércio Exterior - Reestruturação da Política Produtiva, Tecnológica e de Comércio Exterior do RS focando, distintamente, os setores tradicionais (inclusive para adoção dos mecanismos da indústria 4.0) e os de alta tecnologia coerentes com os setores estratégicos nacionais e a inserção produtiva internacional.
- Programa Gaúcho de Inovação - Criação do Programa Gaúcho de Inovação possibilitando aos setores tradicionais aprofundar a cultura da inovação na empresa.
- Ecossistema de Inovação do Estado do Rio Grande do Sul - Apresentação estruturada do Ecossistema Gaúcho de Inovação de forma que empreendedores inovadores possam impulsionar os novos negócios a partir da sinergia instalada.
- Internet e telefonia móvel - Implantação da infraestrutura de telefonia celular e acesso à internet em 100% do território urbano, rural e em áreas remotas, com alta velocidade, possibilitando a todos os gaúchos acesso amplo à comunicação e informação, ao empreendedorismo digital e acesso à Internet das Coisas.
- Cidades Inteligentes - Estímulo para que as cidades se transformem em Cidades Inteligentes possibilitando ao cidadão

o uso de terminais móveis para acesso a todos os serviços oferecidos pelo setor público nas instâncias federal, estadual e municipal e com ampla disseminação de wi-fi em locais públicos.

- Fundos Regionais de Desenvolvimento - Implementação e fortalecimento dos Fundos Regionais de Desenvolvimento, dotando-os com recursos capazes de contribuir com o financiamento de programas e projetos inovadores e capazes de transformar a matriz produtiva gaúcha.

Observa-se, comparando com os gráficos da seção anterior uma crescente e estabilização de postos criativos direcionados a área de tecnologia e informação, é incontestável a importância deste segmento para a contribuição de um desenvolvimento equitativo para toda a sociedade (2019, p. 27).

Os processos de inovação, pesquisa e desenvolvimento são fortemente alicerçados na tecnologia da informação e comunicação. Integrar-se à economia digital, através da conectividade para todos, parece condição imprescindível para o avanço do agronegócio, da indústria, serviços e da diversidade cultural.

Em julho de 2020, publicado pela FGV, um relatório dos impactos da COVID-19 na economia criativa contextualizou quais os efeitos, e interferências que sofreram com o período pandêmico (2020, p. 2).

O ano de 2020 teve início com perspectivas positivas para a economia brasileira e, em particular, para a Economia Criativa. Ainda no primeiro trimestre, no entanto, o setor sofreu com a paralisação praticamente total de suas atividades por conta da pandemia de um novo tipo de coronavírus, causador da Covid-19.

Concordante ao descrito pelo relatório, no boletim do mercado de trabalho realizado pela secretaria de planejamento e orçamento do Estado (2020, p. 16) afirma-se

No Rio Grande do Sul, ademais, conjugou-se a isso uma severa estiagem, fenômeno recorrente nesse território, que sempre produz impacto negativo sobre um largo espectro de segmentos produtivos. A retração no emprego gaúcho, ao longo do ano, sob essa perspectiva, era esperada. Foram eliminados 22.056 postos formais, ou 0,9% dos vínculos existentes no Estado no início de 2020.

Complementando ainda “em números absolutos, o mercado formal de trabalho gaúcho eliminou a segunda maior quantidade de empregos, superado apenas (e largamente) pelo Rio de Janeiro” (2020, p. 16).

Os reflexos das ações de controle resultaram na necessidade de paralisação de diversas atividades, assim como o isolamento social, limitando as possibilidades de negócios em nível local e internacional. E, neste momento, observa-se as potencialidades da economia criativa, pois apesar de atividades consideradas não essenciais, como realização de peças teatrais e shows não podem ser realizados de maneira presencial (2020, p. 3).

Por outro lado, a crise tem levado o setor a experimentar novos formatos de produção e de entrega de seus produtos e conteúdo ao público final, antecipando movimentos que talvez fossem levar mais tempo para serem disponibilizados, como os shows transmitidos em lives em redes sociais, eventos online e a proliferação de cursos, palestras e eventos usando plataformas de streaming de vídeo.

Enquanto outras atividades se destacam em um processo de expansão. Outras atividades, contudo, encontram espaço para expansão, como é o caso do setor de software e games (2020, p. 2).

Essas análises refletem no que é observado ao longo dos anos nos setores criativos dos COREDEs. Mesmo que a pandemia só tenha despontado a partir de novembro de 2019. Observa-se uma queda mais acentuada em comparação ao ano de 2018, período pré pandemia.

Esse panorama complementa o que é explicado no relatório FGV (2020, p. 5)

Esses empreendedores, em geral, não possuem capital de giro suficiente para suportar longos períodos sem faturamento. Em um momento de crise, estas empresas não conseguem manter os postos de trabalho nem os projetos em andamento, levando a uma grande paralisação do setor e a dificuldades inerentes à retomada das atividades.

Portanto, é factível concordar que a pandemia exerceu influência negativa não somente em números da saúde, como reflexos econômicos.

Sob a ótica da indústria criativa, portanto, os resultados de participação na economia, tanto em estabelecimentos, quando em postos de trabalho criativos, constata-se a viabilidade da economia criativa como um meio de estudo e políticas públicas. Contudo, não há como isentar as crises

econômicas globais, desde 2014 com a recessão Brasileira, e conseqüentemente estadual, assim como o período de pandemia que iniciou no ano de 2019, com o que ocorre a todos os Estados, e neste trabalho em específico, ao Rio Grande do Sul.

Mas, percebe-se que há potencial de crescimento em atividades ligadas a criatividade de uso das tecnologias, como foi exemplificado que, durante o isolamento social no ano de 2020, diversos artistas contribuíram com sua arte via streaming, ou por redes sociais.

Essa potência atribui-se ao crescimento, bem característico da tecnologia da informação, que possibilita compreender a transformação, e a criação de novos postos de trabalhos.

A economia criativa, ainda é assunto potencial de crescimento, e é levantado neste trabalho a perspectiva de crescimento quando os programas de políticas públicas trabalharem especificamente fomentando a produtividade intelectual de indivíduos e empreendimento.

Utilizando do argumento mencionado ao longo deste estudo, a UNCTAD (2010) afirma em seu relatório, assim como a própria SEC (2011) a importância em criar políticas públicas, planos de desenvolvimento que se alinhem ao ambiente ao qual se propõe desenvolver. A economia criativa não é um milagre econômico, um meio de transformar todo o panorama econômico e social de uma região. Pelo contrário, a criatividade o é. Exatamente como Celso Furtado (2001) trouxe em seus estudos, a economia nada mais é do que o uso das forças criativas do ser humano.

6 CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, foi necessário compreender o que abrange a ideia de economia criativa, e como consegue exercer influência sobre atividades econômicas. Logo na introdução, é citado como a organização dos meios de produção propiciaram ao desenvolvimento da economia baseada na criatividade.

Há uma expectativa para as economias em desenvolvimento, com a busca de um meio em apresentar um crescimento através de atividades criativas que anterior a esse período estudado não seriam vistas como oportunidade de ascensão. E, embora os resultados não tenham alcançado a expectativa, pode-se atribuir este aos causos globais, assim como ao processo de inovação e incorporação de atividades tecnológicas que apresentaram um crescimento maior ao longo da COVID-19.

Madeira (2014) afirmou em seu trabalho e pode-se concluir que sim, a economia criativa e seu conceito estão alinhados aos novos imperativos econômicos, mudanças revolucionárias advinda da tecnologia atrelada a informação. Os resultados desse trabalho demonstram que os investimento nas áreas criativas, através de projetos públicos, e privados devem permanecer ativos.

Howkins (2002) abordou sobre os tipos de criatividade na economia, aquelas que se encontram em todos os lugares, que propiciam o desenvolvimento cultural, que fortalece o turismo, a gastronomia local, o ritmo musical, através destas atividades. E por seguinte, o mais intenso nas sociedades industriais, isso é: no processo de fabricação de design de roupas (costura e desenho), de criação de jogos, sistemas de software, livros (dos técnicos, aos romances, e ficção científica).

Essa abordagem da criatividade dentro da economia é de suma importância, o valor gerado através das ideias fortalece indústrias gigantes de moda, arquitetura, shows musicais, e encontros como a bienal do livro. Todas essas atividades refletem em outras, as consideradas atividades de apoio.

Ao desenvolver do trabalho, percebe-se que não há como afirmar que a economia criativa pode transformar a realidade socioeconômica de uma região,

mas que sim, são um meio de construir uma economia baseada não somente no força braçal.

A publicação e mapeamento das indústrias realizadas pelo Departamento de Estatística e Economia em conjunto com a RAIS foram potencialmente colaborativos para a construção do trabalho com uma análise coerente ao mercado nacional. O DEE, permite cruzamento de dados entre unidades geográficas, indicadores sociais, indústria, comércio, e facilita assim as informações para a construção de trabalhos acadêmicos, avaliações e transparência do governo.

Para compreender a atuação da economia criativa no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul é necessário que se entenda o contexto deste mercado, para que seja alinhada a proposta do trabalho. De forma que percebe-se um gráfico visível de população em idade para trabalhar, assim como desocupadas. O planejamento estratégico demonstra com mais clareza as potencias, e através dos COREDEs consegue ser visualizado qual a proporcionalidade e dimensão da economia criativa dentro de cada região.

Durante a avaliação através dos segmentos criativos para conseguir mapear essa indústria no Estado do Rio Grande do Sul, se desfez a ideia particular de desenvolvimento certo com base na criatividade, notou-se, contudo, uma queda da participação dos 10 COREDEs no período de 2011 a 2020, de 88,12% para 86,51%. Essa queda, pode apresentar um fortalecimento de regiões que não estavam despontada entre as 10, mas ainda sim acreditava-se que regiões já criativas tenderiam somente a crescer.

Foi demonstrado em formato de gráfico as principais atividades que despontam no Estado, a tecnologia da informação e comunicação, assim como as atividades profissionais e científicas, que abrangem assessoria, consultoria – em moda, culinária, projetos culturais, imagem pessoal. Percebe-se também que são atividades distintas umas das outras, e estão fortalecidas como as 10 primeiras são comércios varejista de artigos culturais e equipamentos de informática, fabricação de calçados, e serviços de arquitetura. Isso demonstra que, apesar do lento desenvolvimento, tem potencial de crescimento.

O estado abrange grandes centros industriais capazes de fortalecer o desenvolvimento como um todo, isso visto nos parques tecnológicos, a museus

culturais. Não somente atrelado ao turismo, ou a eventos de negócios, mas sim a uma grande variedade de segmentos com expectativa de crescimento.

Com isso, se tem como concludente que há uma grande participação das atividades criativas dentro do Estado. Isto é, segmentos criativos em crescimento, formação de indivíduos capazes de fomentar a indústria, assim como planejamentos que buscam viabilizar essas atividades. Infortunadamente não é possível, isso em qualquer economia, isentar-se das consequências de ações globais. Porém, pode precaver-se, e buscar sim meios dentro da sua própria região de crescimento social, econômico, cultural e criativo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. Tipos de revisão de literatura. Faculdade de Ciências Agrônômicas. **UNESP Campus de Botucatu**. 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 10.05/.2021

BENDASSOLI, P. F.; Jr. T. W.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. Indústria criativas: Definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas – REA**. [online]. 2009, v. 49, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75902009000100003>> Acesso em: 10.09.2021

CALVETE, C. D.S.; SANGUINET, E. R.; WAISMANN, A. P. - Economia da cultura e economia criativa no Brasil: uma análise conjuntural do mercado de trabalho. In ML. V.; M. G. **Economia Criativa, cultura e políticas públicas**. Rio grande do sul: Editora UFRGS 2016.

CAIADO, A. S. C. **Economia criativa na cidade de São Paulo: diagnóstico e potencialidade**. 2011. Disponível em <https://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/2012/05/Livro-Economia-Criativa.pdf> Acesso em: 05.06.2021

CASTRO. Francisco Gómez; FIGUEIREDO, Luiz Fernando. A economia criativa como proposta de valor nos modelos de negócio. **Navus – Revista de Gestão e Tecnologia**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 111-122, julho 2016. ISSN 2237-4558. Disponível em: <<https://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/111>>. Acesso em: 05.07.2021

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Relatório de Economia Criativa 2010: Economia criativa: Uma opção de Desenvolvimento Viável**. [2010] Acesso em: 03.02.2021.

COREDES. **Propostas Estratégicas para o desenvolvimento regional do Estado do Rio Grande do Sul**. Fórum dos conselhos Regionais de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em <<http://consinos.org.br/blog/wp-content/uploads/2021/05/PRO-RS-VI.pdf>> Acesso em: 12.02.2022

COREDES. **Perfil Socioeconomico COREDES Vale do Rio dos Sinos**. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201812/04105221-perfis-regionais-2015-vale-do-rio-dos-sinos.pdf>

COREDES. **Perfil Socioeconomico COREDES Vale Metropolitano Delta Jacuí**. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134133-20151117102639perfis-regionais-2015-metropolitano-delta-do-jacui.pdf>

COREDES. **Perfil Socioeconomico COREDES Produção**. Disponível em: <file:///C:/Users/55479/Downloads/3751-22292-1-SM.pdf>

COREDES. **Perfil Socioeconômico COREDES Sul**. Disponível em: < <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095141-perfis-regionais-2015-sul.pdf> > Acesso em: 01.03.2022

COREDES. **Perfil Socioeconômico COREDES Vale Taquari**. Disponível em:< <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095341-perfis-regionais-2015-vale-do-taquari.pdf>> Acesso em: 01.03.2022

COREDES. **Perfil Socioeconômico COREDES ENCOSTA DA SERRA**. Disponível em <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134135-20151117103226perfis-regionais-2015-paranhana-encosta-da-serra.pdf>> Acesso em: 01.03.2022

COREDES. **Perfil Socioeconômico COREDES LITORAL**. Disponível em < <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134132-20151117102724perfis-regionais-2015-litoral.pdf> > Acesso em: 01.03.2022

COREDES. **Perfil Socioeconômico COREDES VALE DO RIO PARDO**. Disponível em <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/17095302-perfis-regionais-2015-vale-do-rio-pardo.pdf> > Acesso em 02.03.2022

Departamento de Economia e Estatística. **DEE/SPGG**. 2020. Disponível em < <https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202008/28083552-texto-para-discussao-n-1.pdf> > Acesso em: 18.02.2022

DEE. Panorama da desocupação no Rio Grande do Sul por características sociodemográficas (2012-2018). Acesso em: 18.02.2022

EXAME. **Os 7 pilares da Economia Criativa, segundo Tom Fleming**. 2018. Disponível em < <https://alfredopassos.wordpress.com/2018/12/15/os-7-pilares-da-economia-criativa-segundo-tom-fleming/>> Elaborado por João Pedro Carneiro.

FAHMI, F. Z; McCan, P.; KOSTER, S. **Creative economy policy in developing countries: the case of indonesia**. UrbanStudies, 2014.

FILHO, José Alexandre Ferreira; LIMA, Tatiane Gonçalves de; LINS, Anthony José da Cunha Carneiro. **Economia criativa: uma análise sobre o crescimento do mercado das indústrias criativas**. Comunicação e Inovação, 2019. Disponível em < https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5501 > Acesso em: 01.07.2021

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa, 2012**. Disponível em < <https://www.firjan.com.br/economiacriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa-Firjan2012.pdf>> . Acesso em: 02.02.2021

FGV. **Relatório sobre os impactos econômicos da COVID-19 na Economia criativa. 2020.** Disponível em <https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/economiacriativa_formata_caosite.pdf> acesso em: 18.02.2022

GALVÃO, T. PEREIRA, M. **Revisões sistemáticas de literatura: passos para sua elaboração. 2014.** Disponível em < SciELO - Saúde Pública - Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração (scielosp.org)> 18.02.2022

GUILHERME, L. L. **Economia criativa, Desenvolvimento e Estado-Rede. 2018.** Disponível em < https://www.academia.edu/36823947/ECONOMIA_CRIATIVA_DESENVOLVIMENTO_E_ESTADO_REDE_uma_proposi%C3%A7%C3%A3o_de_pol%C3%AAdticas_p%C3%BAblicas_para_o_fortalecimento_de_sistemas_produtivos_e_redes_econ%C3%B4micas_de_setores_criativos_na_cidade_do_Rio_de_Janeiro > Acesso em: 01.02.2022

MADEIRA, Mariana Gonçalves. **Economia Criativa: Implicações e desafios para a política externa brasileiro.** CAE, 2014. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/1096-economia-criativa.pdf>. Acesso em: 10.12.2021

MARTINEZ, Paulo. **Economia Criativa: uma discussão preliminar.** Teorias e políticas da cultura: Visão multidisciplinares. EDUFBA, 2007. Disponível em < file:///C:/Users/55479/Downloads/Economia_criativa_uma_discussao_preliminar%20(2).pdf >. Acesso em: 08.11.2021

MENDONÇA; C. G. **Economia Criativa e indústria de games no Brasil: Uma análise dos instrumentos públicos de fomento ao setor.** UFRGS 2018.
MIRSHAWKA, V. **Economia criativa: Fonte de Novos Empregos.** DVS Editora, 2019.

PROCOPIUCK, M. Freder, S. M. **Políticas públicas de fomento à economia criativa: Curitiba e contexto nacional e internacional.** 2013. Disponível em < file:///C:/Users/55479/Downloads/3073-8782-1-PB.pdf > Acesso em: 01.08.2021
OLIVEIRA, J. M.; ARAUJO, B. C.; SILVA, L. V. **Panorama da Economia Criativa no Brasil.** IPEA 2013.

MOHER, D. LIBERATI, A. TETZLAFF. J, ALTMAN, DG. **Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA.** 2015. Disponível em < Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA (iec.gov.br)>. Acesso em 18.02.2022

PACHECO, ADRIANO PEREIRA DE CASTRO e BENINI, ELCIO GUSTAVOA **Economia Criativa em época de crise: o desenvolvimento endógeno brasileiro na obra de Celso Furtado.** Brazilian Journal of Political Economy [online]. 2018, v. 38, n. 2 [Acessado 19 Fevereiro 2022], pp. 324-337. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-31572018v38n02a06>>. ISSN 1809-4538.

PRÓ-RS VI. **Propostas estratégicas para o desenvolvimento regional do Estado do Rio Grande do Sul.** 2019. Disponível em <
<http://consinos.org.br/blog/wp-content/uploads/2021/05/PRO-RS-VI.pdf> >
Acesso em: 18.02.2022

Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) Brasília, DF, 2020. _____.
Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho.

Relatório de economia criativa 2010: economia criativa, uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa; Ministério da Cultura; São Paulo: Itaú Cultural, 2010. Disponível em: Acesso em: 15.02.2021

REIS, Ana Carla Fonseca; DEHEINZELIN, Lala. **Cadernos de Economia Criativa: Economia Criativa e desenvolvimento local.** SEBRAE, 2008.

REIS, P. C. G; SERAFIM, M. C.; PINHEIRO, D.M.; ALPERSTEDT, G. D. **O processo de industrialização da economia criativa no Brasil.** Diálogo com a Economia Criativa, v.2, n. 4, 2017. Disponível em:
<http://dialogo.espm.br/index.php/revistadcec-rj/article/view/85>. Acesso em: 18.05.2021

SERRA, N. FERNANDEZ, R. S. **Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas.** 2021. Disponível em <
<https://www.revistas.usp.br/rai/article/view/110253>> Acesso em: 02.04.2021

SILVA, C. R.; SILVESTRINI, M. S.; ALMEIDA PRADO, A. C. da S.;
CARDINALLI, I.; LAVACCA, A. B.; VASCONCELOS, D. I.; FARIAS, A. Z.;
MANCINI, M. A. L. T. Economia criativa na relação entre trabalho e cultura para a juventude. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, [S. l.],** v. 29, n. 2, p. 120-128, 2018. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/142496>. Acesso em: 18 mai. 2021.

VALIATI, L; MIGUEZ, P; CAUZZI, C; SILVA, P. P. **Economia Criativa e da Cultura: conceitos, modelos teóricos e estratégias metodológicas.** UFRGS. 2017. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200211/001054559.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18.05.2021

MARINHO, H. **Economia Criativa do Rio de Janeiro e as MPE.** Observatório das Micro e Pequenas Empresas do estado do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em
<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Menu%20Institucional/Sebrae_SET_nov12_ec_crtv.pdf > Acesso em: 05.02.2022

MESSIAS, F. B. **O pentagrama da sustentabilidade na visão da economia criativa: um estudo da economia criativa na Austrália, Reino Unido, Argentina, Colômbia e Brasil.** 2018. Disponível em <
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31461#:~:text=O%20Pentagrama%20da%20Sustentabilidade%20na%20vis%C3%A3o%20da%20Economia%20Criativ>

a%20considera,%2C%20Cultural%20e%20Pol%C3%ADtico%2DInstitucional.>
Acesso em: 05.02.2022

MIGUES, P. **A economia da cultura como campo de estudos e a novidade da economia criativa**. 2011. Disponível em <
https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=YfJ-allAAAAJ&citation_for_view=YfJ-allAAAAJ:UebtZRa9Y70C>
Acesso em: 02.01.2022

VARGAS, Jeferson Rodrigues; DUARTE, Tatiane Lopes. **Economia Criativa com Desenvolvimento Econômico Regional**. Unipampa, 2016. Disponível em <
<https://dee.rs.gov.br/upload/arquivos/202003/03180542-nt-economia-criativa.pdf>> Acesso e: 03.07.2021

SESC, **Centro de Pesquisa e Formação**. 2013. Disponível em:
<https://centrodepesquisaeformacao.secsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/125/13712386891363042933.pdf>. Acesso em: 18.05.2021

NEWBIGIN, J. **Série economia criativa e cultural do British Council**. 2010. Disponível em <
https://creativeconomy.britishcouncil.org/media/uploads/files/Intro_guide_-_Portuguese.pdf> Acesso em: 02.02.2022

NYKO, Diego; ZENDRON, **Patricia**. **Economia criativa = Creative economy**. In: PUGA, Fernando Pimentel; CASTRO, Lavínia Barros de (Org.). **Visão 2035 : Brasil, país desenvolvido : agendas setoriais para alcance da meta**. 1. ed. Rio de Janeiro : Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2018. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/16280>. Acesso: 18 mai. 2021.

OBSERVATÓRIO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Economia criativa do Rio de Janeiro e as MPE**. Novembro, 2012. Disponível em <
https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Menu%20Institucional/Sebrae_SET_nov12_ec_crtv.pdf> Acesso em: 01.05.2021

SPGG. **Boletim de Trabalho do Estado do Rio Grande do Sul**. Abril de 2021. Disponível em
<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202104/13172400-boletim-de-trabalho-do-rs-v-3-n-1-abr-2021-1.pdf>. Acesso em: 22.02.2022.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**. 2005. Disponível em <
<http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>> Acesso em: 15.02.2022

Apêndice – Lista de Classe CNAE da atividade criativa

CLASSE	DIVISÃO
Fabricação De Produtos Têxteis	Tecelagem, exceto malha
	Fabricação de tecidos de malha
	Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis
	Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário
Preparação De Couros E Fabricação De Artefatos De Couro, Artigos Para Viagem E Calçados	Curtimento e outras preparações de couro
	Fabricação de artigos para viagem e de artefatos diversos de couro
	Fabricação de calçados
	Fabricação de partes para calçados, de qualquer material
Impressão E Reprodução De Gravações	Atividade de impressão
	Serviços de pré-impressão e acabamentos gráficos
	Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte
Fabricação De Equipamentos De Informática, Produtos Eletrônicos E Ópticos	Fabricação de componentes eletrônicos
	Fabricação de equipamentos de informática e periféricos
	Fabricação de equipamentos de comunicação
	Fabricação de aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo
	Fabricação de aparelhos e instrumentos de medida, teste e controle
	Fabricação de aparelhos eletromédicos e eletroterapêuticos e equipamentos de irradiação
	Fabricação de equipamentos e instrumentos ópticos, fotográficos e cinematográficos
	Fabricação de mídias virgens, magnéticas e ópticas
Fabricação De Produtos Diversos	Fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes
	Fabricação de instrumentos musicais
	Fabricação de brinquedos e jogos recreativos
Edição E Edição Integrada À Impressão	Edição integrada à impressão de livros, jornais, revistas e outras publicações
Atividades Cinematográficas, Produção De Vídeos E De Programas De Televisão	Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão
	Atividades de gravação de som e de edição de música
	Atividades de rádio
	Atividades de televisão
Telecomunicações	Telecomunicações por fio
	Telecomunicações sem fio
	Telecomunicações por satélite
	Operadoras de televisão por assinatura
	Outras atividades de telecomunicações

Atividades Dos Serviços De Tecnologia Da Informação	Atividades dos serviços de tecnologia da informação
Atividades De Prestação De Serviços De Informação	Tratamento de dados, hospedagem na internet e outras atividades relacionadas
	Outras atividades de prestação de serviços de informação
Serviços De Arquitetura E Engenharia	Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas
Outras Atividades Profissionais, Científicas E Técnicas	Design e decoração de interiores
	Atividades fotográficas e similares
	Atividades profissionais, científicas e técnicas não especificadas anteriormente
Atividades Artísticas, Criativas E De	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
Atividades Ligadas Ao Patrimônio Cultural E Ambiental	Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental
Atividades Esportivas E De Recreação E	Atividades de recreação e lazer
Comércio	Comércio Atacadista De Equipamentos E Produtos De Tecnologias De Informação E Comunicação
	Comércio Varejista De Equipamentos De Informática E Comunicação
	Comércio Varejista De Artigos Culturais, Recreativos E Esportivos

**ANEXO A – Representação via tabela participação média das COREDEs na
Economia Criativa do Estado do Rio Grande do Sul**

COREDES	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL POR COREDEs
VL Rio dos Sinos	74228,00	74038,00	71096,00	69590,00	65186,00	66078,00	64299,00	64789,00	65071,00	57785,00	672160,00
Metropolitano	62798,00	66515,00	66899,00	69103,00	63922,00	60501,00	59648,00	59638,00	59053,00	57420,00	625497,00
Paranhana Encosta Da Serra	40678,00	40165,00	39595,00	36822,00	33199,00	32395,00	31059,00	30048,00	29079,00	25962,00	339002,00
Serra	25177,00	25102,00	25141,00	24569,00	23256,00	22000,00	21580,00	21849,00	20922,00	20745,00	230341,00
VI. Do Taquari	19864,00	18906,00	18864,00	18500,00	18243,00	18241,00	18205,00	18243,00	17993,00	12287,00	179346,00
Produção	9558,00	9384,00	9792,00	9774,00	9473,00	9401,00	9143,00	9295,00	8855,00	8802,00	93477,00
Central	8128,00	8465,00	8968,00	9297,00	9052,00	9074,00	9344,00	9569,00	9602,00	8984,00	90483,00
Litoral	7951,00	7806,00	8080,00	8378,00	8166,00	8704,00	8814,00	9082,00	8572,00	7950,00	83503,00
VI. do Rio Pardo	6878,00	7038,00	7187,00	7333,00	7425,00	7679,00	8319,00	7827,00	7763,00	6085,00	73534,00
Sul	6867,00	7257,00	8110,00	7884,00	7403,00	7121,00	7067,00	7067,00	6889,00	6826,00	72491,00
Vale Do Cai	6737,00	6806,00	6835,00	6244,00	5688,00	5603,00	5120,00	5095,00	5077,00	4306,00	57511,00
Hortensias	3889,00	3680,00	3939,00	3909,00	4174,00	4059,00	4010,00	3575,00	3750,00	3384,00	38369,00
Fr. Oeste	3676,00	3835,00	4020,00	4291,00	4155,00	4560,00	4606,00	4603,00	3993,00	3879,00	41618,00
Nor. Colonial	3641,00	3531,00	3715,00	3954,00	3922,00	3941,00	3827,00	3678,00	3504,00	3526,00	37239,00
Norte	3589,00	3508,00	3699,00	3804,00	3629,00	3441,00	3476,00	3460,00	3594,00	3537,00	35737,00
Fr. Noroeste	2823,00	2615,00	2720,00	3038,00	2896,00	2822,00	2858,00	3030,00	3134,00	3193,00	29129,00
Missoes	2383,00	2478,00	2495,00	2770,00	3250,00	2595,00	2535,00	2651,00	2612,00	2631,00	26400,00
Alto Jacuí	2227,00	1859,00	2030,00	2109,00	2139,00	2022,00	1849,00	1865,00	1813,00	1794,00	19707,00
Campanha	1878,00	1938,00	2000,00	2100,00	2073,00	2129,00	2287,00	2436,00	2096,00	2099,00	21036,00
Nordeste	1586,00	1648,00	1698,00	1668,00	1586,00	1590,00	1740,00	1508,00	1462,00	1441,00	15927,00
Centro Sul	1573,00	1419,00	1448,00	1651,00	1646,00	1596,00	2431,00	1724,00	1532,00	1501,00	16521,00
Méd. Alto Uruguai	1319,00	1469,00	1568,00	1784,00	1609,00	1602,00	1613,00	1847,00	1891,00	1886,00	16588,00
TOTAL COREDE	297448,00	299462,00	299899,00	298572,00	282092,00	277154,00	273830,00	272879,00	268257,00	246023,00	

COREDES	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	MEDIA
VL Rio dos Sinos	24,95%	24,72%	23,71%	23,31%	23,11%	23,84%	23,48%	23,74%	24,26%	23,49%	23,86%
Metropolitano Delta Jacuí	21,11%	22,21%	22,31%	23,14%	22,66%	21,83%	21,78%	21,86%	22,01%	23,34%	22,23%
Paranhana Encosta Da Serra	13,68%	13,41%	13,20%	12,33%	11,77%	11,69%	11,34%	11,01%	10,84%	10,55%	11,98%
Serra	8,46%	8,38%	8,38%	8,23%	8,24%	7,94%	7,88%	8,01%	7,80%	8,43%	8,18%
VI. Do Taquari	6,68%	6,31%	6,29%	6,20%	6,47%	6,58%	6,65%	6,69%	6,71%	4,99%	6,36%
Produção	3,21%	3,13%	3,27%	3,27%	3,36%	3,39%	3,34%	3,41%	3,30%	3,58%	3,33%
Central	2,73%	2,83%	2,99%	3,11%	3,21%	3,27%	3,41%	3,51%	3,58%	3,65%	3,23%
Litoral	2,67%	2,61%	2,69%	2,81%	2,89%	3,14%	3,22%	3,33%	3,20%	3,23%	2,98%
VI. do Rio Pardo	2,31%	2,35%	2,40%	2,46%	2,63%	2,77%	3,04%	2,87%	2,89%	2,47%	2,62%
Sul	2,31%	2,42%	2,70%	2,64%	2,62%	2,57%	2,58%	2,59%	2,57%	2,77%	2,58%
Vale Do Cai	2,26%	2,27%	2,28%	2,09%	2,02%	2,02%	1,87%	1,87%	1,89%	1,75%	2,03%
Hortensias	1,31%	1,23%	1,31%	1,31%	1,48%	1,46%	1,46%	1,31%	1,40%	1,38%	1,37%
Fr. Oeste	1,24%	1,28%	1,34%	1,44%	1,47%	1,65%	1,68%	1,69%	1,49%	1,58%	1,48%
Nor. Colonial	1,22%	1,18%	1,24%	1,32%	1,39%	1,42%	1,40%	1,35%	1,31%	1,43%	1,33%
Norte	1,21%	1,17%	1,23%	1,27%	1,29%	1,24%	1,27%	1,27%	1,34%	1,44%	1,27%
Fr. Noroeste	0,95%	0,87%	0,91%	1,02%	1,03%	1,02%	1,04%	1,11%	1,17%	1,30%	1,04%
Missoes	0,80%	0,83%	0,83%	0,93%	1,15%	0,94%	0,93%	0,97%	0,97%	1,07%	0,94%
Alto Jacuí	0,75%	0,62%	0,68%	0,71%	0,76%	0,73%	0,68%	0,68%	0,68%	0,73%	0,70%
Campanha	0,63%	0,65%	0,67%	0,70%	0,73%	0,77%	0,84%	0,89%	0,78%	0,85%	0,75%
Nordeste	0,53%	0,55%	0,57%	0,56%	0,56%	0,57%	0,64%	0,55%	0,54%	0,59%	0,57%
Centro Sul	0,53%	0,47%	0,48%	0,55%	0,58%	0,58%	0,89%	0,63%	0,57%	0,61%	0,59%
Méd. Alto Uruguai	0,44%	0,49%	0,52%	0,60%	0,57%	0,58%	0,59%	0,68%	0,70%	0,77%	0,59%



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br